

Caderno de memórias coloniais

Isabela
Figueiredo



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS
POR ISABELA FIGUEIREDO



TÍTULO: Caderno de Memórias Coloniais, por Isabela Figueiredo

COPYRIGHT: © Angelus Novus e Isabela Figueiredo

DESIGN: FBA

CAPA: Olhar-te. Publicidade e Artes Gráficas, Lda

DATA DE EDIÇÃO: 2010 ISBN: 978-972-8827-69-4

DEPÓSITO LEGAL: 300946/09 t

4ª EDIÇÃO

ANGELUS NOVUS, EDITORA

Rúa da Fonte do Bispo, n° 136, Edifício União, 3" B

3030-243 Coimbra

E-mail: geral@angelus-novus.com

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

De cada vez que abria uma gaveta ou espreitava para dentro de um armário, sentia-me como um intruso, um ladrão devassando os locais secretos da mente de um homem. A todo o momento esperava que o meu pai entrasse, parasse incrédulo a olhar para mim e me perguntasse que raio é que eu pensava que estava a fazer. Não me parecia justo que ele não pudesse protestar. Eu não tinha o direito de invadir a sua privacidade.

Paul Auster, Inventar a Solidão

A memória humana é um instrumento maravilhoso mas falível.

(...)

As recordações que jazem dentro de nós não são gravadas em pedra; não só têm a tendência para se apagarem com os anos, como também é frequente modificarem-se, ou inclusivamente aumentarem, incorporando delineamentos estranhos.

Primo Levi, Os que Sucumbem e os que se Salvam



Lourenço Marques, 1960

Índice

Palavras Prévias

Sobre Caderno de Memórias Coloniais

Sobre Caderno de memórias coloniais

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.
- 11.
- 12.
- 13.
- 14.
- 15.
- 16.
- 17.
- 18.
- 19.
- 20.
- 21.
- 22.
- 23.
- 24.
- 25.
- 26.
- 27.
- 28.
- 29.

[30.](#)

[31.](#)

[32.](#)

[33.](#)

[34.](#)

[35.](#)

[36.](#)

[37.](#)

[38.](#)

[39.](#)

[40.](#)

[41.](#)

[42.](#)

[43.](#)

[POSTS DE O MUNDO PERFEITO](#)

[AGOSTO](#)

[O ODIOSO LOW PROFILE](#)

[DINAMITAR O CRISTO-REI](#)

[O CARRO DA LAMA](#)

[FÍGADO DE PORCO](#)

[«ISTO É A SÉRIO»](#)

[Uma conversa com Isabela](#)

Palavras Prévias

Isabela Figueiredo

A um Homem do Passado

*Estes são os tempos futuros que temia
o teu coração que mirrou sob pedras,
que podes recear agora tão fundo,
onde não chegam as aflições nem as palavras duras?*

*Desceste em andamento; afinal era
tudo tão inevitável como o resto.
Viraste-te para o outro lado e sumiram-se
da tua vista os bons e os maus momentos.*

*Tu ainda tinhas essa porta à mão.
(Aposto que a passaste com uma vénia desdenhosa.)
Agora já não é possível morrer ou,
pelo menos, já não chega fechar os olhos.*

Manuel António Pina, in "Nenhum Sítio"

No princípio eu era de carne e estava na terra. Começou assim. Não pensei em mim como rapariga nem como branca nem como rica ou pobre. Não pensei porque não era preciso. Eu era de carne e estava na terra.

Via, ouvia ao redor, e formava, sem intenção nem premeditação, juízos intuitivos sobre o bem e o mal. Pensava com o peito, porque é o lugar do corpo com o qual se pensa no início e no fim.

Sabia que era uma pequena pessoa de carne, não um animal, porque a mim não me podiam matar para comer. Não era adulta. Não tinha querer.

Observava o mundo no qual vivia, escutava as palavras, com fome de compreender e aprender. Observava-o para apreender a mecânica das pessoas. O que diziam e faziam? Porquê? O que valorizavam?

Não havia com quem falar sobre as coisas que me interpelavam, nomeadamente as que juntavam e separavam um ser humano de outro. Não existia essa linguagem nem discurso. Ninguém era capaz de me explicar.

Não ter compreendido. Tudo começou aí.

É mais fácil esquecer. Sempre.

O paradoxo reside no facto de só se ultrapassarem os choques de uma vivência, desenterrando-a, revolvendo os seus restos. O tempo silencioso apenas se abstém de produzir ruído.

É também mais fácil construir o que aceitamos recordar. Essa narrativa torna-se a realidade, a única em que acreditamos e que defendemos.

A História enfrenta sempre esse grande óbice, que cabe aos investigadores ultrapassar: o silêncio sobre o que muito se calou ou escondeu. O que não honra. O lixo faz-se desaparecer, os cadáveres emparedam-se e tudo deixa de existir. Não vimos, não sabemos, nunca ouvimos falar, não demos por nada.

Após a publicação do *Caderno de memórias coloniais*, em 2009, muitos filhos e netos de retornados me diziam que os familiares não falavam sobre o assunto fora de casa, e, mesmo aí, consideravam que esses assuntos eram delicados.

A minha perplexidade, pré e pós *Caderno*, continua a bater no mesmo ponto da “intriga pós-colonial”: se todos vivemos o mesmo, no mesmo local e época, como posso só eu ter visto e sentido o que escapou aos outros? Porque foi escolha minha, prioritária, lembrá-lo?

O *Caderno de memórias coloniais* relata a história de uma menina a caminho da adolescência, que viveu essa fase da vida no período

tumultuoso do final do Império colonial português. O cenário é a cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo, espaço no qual se movem as duas personagens em luta: pai e filha. São símbolos de um velho e de um novo poder; de um velho mundo que chegou ao fim, confrontado por uma nova era que desponta e exige explicações. A guerra dos mundos em 1970.

Mas o *Caderno* transcende as questões de poder colonial, racial, social e de género, transformando-se, também, numa narrativa de amor filial conturbado e indestrutível. Segue o percurso sensual e iniciático da menina que descobre o seu corpo e os alheios. É uma história de perda, na qual uma rapariga cujo percurso autónomo se adivinha, sente e mostra a necessidade de desenvolver a resistência máxima, e de crescer depressa, para garantir a sobrevivência, testada ao atravessar a realidade hostil da colonização e da descolonização, primeiro em Moçambique, depois em Portugal, para onde é enviada sozinha.

Estamos perante a fabricação de uma identidade nacional indefinida, desterritorializada, do domínio dos exílios e desterros.

Ao longo dos capítulos do *Caderno*, a menina transporta para o nosso tempo fragmentos de vozes que ecoam de uma outra época, como se um transístor pudesse viajar no tempo, emitindo uma polifonia de sons do passado.

As vozes caíram mal e caíram bem, dependendo do recetor, como era esperado. O que foi publicado, em 2009, sobre a vida branca em Lourenço Marques, provocou discussão, e não agradou a um segmento saudosista de retornados, mesmo entre aqueles que viveram essa discriminação a um certo grau. Refiro-me, por exemplo, aos chefes mestiços da administração colonial, aos indianos e goeses, que na colónia se beneficiavam de um estatuto superior, mais “embranquecido”. Toda essa gente, formada pelo mesmo molde que produziu o meu pai, a política do Estado Novo, integrou o contingente de retornados que a metrópole recebeu a partir de 1974, mas sobretudo a partir da independência, em 1975 e 1976.

Desenvolveram-se esforços para descredibilizar o *Caderno* com argumentos relacionados com a minha tenra idade e desconhecimento, a minha origem social, o facto de ter vivido no Alto-Maé e na Matóla, lugares habitados por brancos menos instruídos.

Nada me beliscou e continuo a viver em absoluta paz com o que escrevi. A obra foi muito bem recebida pela crítica, pela academia e pelos leitores em geral. Fez cinco edições, e é lida e estudada no mundo inteiro. Mudou a minha vida, trazendo-me amizades, conhecimentos e confirmações, aos milhares, e levando-me a lugares onde nunca tinha pensado ir. De um momento para o outro, desconhecidos passaram a abordar-me comovidamente, numa quase psicanálise coletiva. “Eu vivi isto.” “Eu fiz aquilo.” “Os meus pais diziam aqueloutro.” “Eu sei perfeitamente o que sentiu quando...”

O *Caderno* tem uma vida própria, que quem lê reconhece, como se de repente se abrisse uma janela e o vento trouxesse intacto o ambiente do passado, descongelado, inteiro e autêntico, com os seus ruídos, cores e odores; mas o livro também ficciona para dizer a verdade, esse outro grande paradoxo da literatura. Pode esperar-se que os factos relatados correspondam ao que foi testemunhado, vivido e sentido, não que sejam um relato literal isento de trabalho literário.

Em conferências, mesas-redondas, entrevistas, tenho sido confrontada, várias vezes, com um mais ou menos assumido “desejo coletivo” de compartimentar as ações da personagem do meu pai relativamente aos negros, singularizando-o, remetendo-o para um grupo de indivíduos menos bem formados e de origem social mais baixa, que não correspondem ao estereótipo definido pelo discurso vigente sobre a elite colonial da província de Moçambique.

Sobre o meu pai, pessoa responsável direta ou indiretamente pela minha formação, educação, pelo que sou e alcancei, e por isso mesmo, cabe-me esclarecer um ponto que não pode ser ignorado no que respeita a como decorria a vida na colónia.

Enquanto o meu pai tratava com os negros, para que as instalações elétricas das casas onde os brancos, de primeira e de segunda, ficassem prontas a tempo e horas, estes aproveitavam os dias austrais da Pérola do Índico, e deixavam uma quinhenta de gorjeta ao preto da Baixa, que lhes engraxava os sapatos, apenas mais um, como os do meu pai.

O trabalho do electricista da Matóla e o do machambeiro do Infulene eram fundamentais para que a cidade funcionasse, porque era desagradável ao branco sujar as mãos, pois “a catinga dos pretos cheirava mal”. Covinha muito, portanto, que o meu pai se levantasse

com a aurora para os ir arrancar à palhota ou apanhar na estrada, porque alguém tinha que o fazer, e não seria o branco de primeira, com as mãos administrativas com que recebia, no Banco Nacional Ultramarino, o provento que a exploração do trabalho negro rendia, para usufruto de um sistema de que todos hipocritamente dependiam, sustentavam, e com o qual pactuavam, aceitando a ordem das coisas sem a questionar.

O que ali se mostra é um homem de um tempo, no seu contexto, tão racista como os que eram racistas, e eram muitos, na metrópole e no ultramar.

E como o são, ainda hoje, aqui. Retornados ou não.

Ao longo destes anos, tenho assumido a missão de proteger a personagem do meu pai da fácil e tentadora diabolização que sobre ela é possível desenhar.

Percebi que me cansei de o fazer. Compreendi que não posso controlar o que sobre ele é e será produzido. Existe o meu pai e a personagem. Fico com o primeiro.

O *Caderno* existe por ele e para ele. Foi uma das minhas lições, e esta obra é a carta que quis deixar-lhe.

Quero acreditar que ao mandar-me para Portugal, em 1975, onde nasceu, e donde saiu com o objetivo de não regressar, o meu pai delegou nesta terra, para mim desconhecida, ascendente e poder para me salvar. Resta-me amar com exigência e desespero a terra negra à qual me confiou. Nela busco o mapa para o tesouro que aqui escondeu, e que um dia encontrarei.

Sobre Caderno de Memórias Coloniais

Paulina Chiziane

Caíram-me muitas lágrimas na leitura desta obra, por me fazer reviver os momentos mais amargos do meu percurso. Deixa-me tratá-la por tu, para estar mais próxima de ti, que em África é assim que tratam os mais novos. Reconheço tudo o que descreves: os nomes, os lugares, os factos. A tua escrita é tão poderosa e tão real, Isabela!

A tua obra. Caderno de memórias coloniais faz a análise da história a partir de um lugar proibido às mulheres castas: o sexo. Fiquei fascinada. Que maravilha, que coragem, Isabela! Até usaste palavras proibidas às meninas bonitas para mostrar que existe uma outra forma mais verdadeira de ver o mundo. Pela tua coragem, eu te daria a patente de general, de marechal, sei lá, ou um desses ferrinhos ou medalhas que os homens se distribuem entre si. Este livro trata das relações de género, do colonialismo e do nacionalismo. Poucas são as obras literárias que tratam dessas questões com tanta profundidade.

Estávamos eu e tu, cada uma no seu lado da barricada, quando o colonialismo aconteceu. Tu, branca, filha de um colono racista e eu, negra, filha de um colonizado, também racista. Refletindo-nos uma na outra num espelho de preconceitos. Que pena nós, mulheres, não podermos falar de sexo tão abertamente. Brancas ou pretas, fomos todas castradas. Eu tenho a língua castrada e não te direi tanto. De bordados e de receitas de cozinha me é permitido falar, mas não sei bordar nem cozinhar. Falar de sexo é tabu. Mas tu venceste as barreiras, por isso te admiro. Ah, mas se eu pudesse, contar-te-ia mil e uma histórias maliciosas, picantes, saídas das bocas das mulheres negras. Entre cervejas e risos elas gozavam com os brancos e brancas. Diziam elas que homem branco é dinheiro. Homem preto é gosto, é prazer. Deixa que esses brancos nos deem o dinheiro que precisamos para alimentar as crianças. Mulher branca é o quê? As mulheres brancas não têm à frente, não têm atrás, são lisas e frias como madeira seca. É por isso que os maridos delas, quando querem chorar como crianças, vêm a correr para os nossos braços. Nós somos bem recheadas à frente, atrás, e das mulheres macuas então, nem se fala! Estão bem recheadas por baixo das pernas, como um bolo de creme, porque alongam os genitais. O branco não aguenta connosco! Perde a cabeça e esquece o caminho da casa! Pobres mulheres brancas! Elas

dormem sozinhas, na cama fria, enquanto os maridos gozam o prazer de viver nos nossos braços.

Através desse espelho de preconceitos, reconhecemos que a história exclui verdades essenciais. Só fala de generais vitoriosos, heróis, batalhas, conquistas. Não diz que esses heróis e generais eram homens e tinham sexo.

Não diz que os exércitos tinham paixões e sentimentos. Nem diz que as mulheres brancas participaram na construção do império colonial de uma forma diferente dos homens. Fala de rainhas enfeitadas de rendas e sedas. Não fala do sofrimento, do isolamento, das ansiedades mais profundas das mulheres dos colonos, que deram também o seu valioso contributo na edificação da história colonial.

Isabela Figueiredo, branca, filha de colono racista, tem os mesmos sentimentos que eu, negra, filha do colonizado racista. Ambas reconhecemos que a humanidade atravessa as fronteiras de uma raça. Pretos e brancos, somos todos humanos, e nada mais. Colonos e colonizados tivemos um encontro histórico que hoje estamos a analisar. Guerreámo-nos. Matámo-nos. Odiámo-nos e amámo-nos. Construímos juntos e construímo-nos mutuamente, para o bem ou para o mal. Esta é que é a verdadeira história.

O resto são fantasias. Tretas.

O colonialismo era baseado no catolicismo e no patriarcado. Para a representação desse sistema, não poderia existir melhor imagem senão a do pai racista, através da qual transcorrem todas as ideologias e práticas coloniais. Foi a escolha acertada. O colonialismo é masculino. O macho agressor invade. Penetra no mais profundo da intimidade, de armas em riste, agride e mata, como um violador de mulher na estrada deserta. Nesta obra, o pai é muito macho, gosta de f.r e vai às pretas, tem voz, é ativo, comanda os pretos, e esbofeteia qualquer um. O seu poder não conhece limites. As primeiras grandes vítimas deste sistema cruel foram, sem dúvida, as mulheres brancas.

A imagem da mãe foi outra escolha acertada, pois através dela se apreende a violência do machismo colonial, tal como descreve a autora:

[...] O corpo da minha mãe era geométrico e seco. Não tinha autorização para lhe tocar. No corpo da minha mãe apenas me interessava o seu peito grande e mole [...]. Tocar na minha mãe era uma atitude pouco própria. O corpo do meu pai, pelo contrário, sólido, redondo, disponível, revelava-se uma colina [...] à qual podia trepar [...].

Daqui podemos ver que o corpo da mulher branca era simples objeto de prazer, tal como o corpo dos colonizados que se podia torturar, matar, usar a bel-prazer. O corpo da mãe era seco, não tinha rega, claro, porque o pai regava as pretas e não a sua mulher branca. Ao afirmar que só as mamas grandes interessavam, a autora demonstra que, tal como qualquer negro, a vida da mulher branca valia apenas pelo seu uso, na reprodução das crianças, e servir simplesmente o marido. O corpo das mulheres brancas ou negras, o corpo da terra africana, só o homem branco podia usar, tocar, abusar e violentar. Aqui o continente africano é também representado no feminino, que só o homem branco podia usar, abusar e violentar.

A história é território do pai. O debate, a ideia, o pensamento, a ação, são o domínio do masculino, vozes mais profundas das mulheres brancas são sempre excluídas, reprimidas, silenciadas. Delas, a obra apresenta apenas os seus gracejos maliciosos, cacarejos de galinhas poedeiras no quintal da história. O único direito que essas mulheres detinham era de fazer círculos de chás, onde exerciam a má-língua sobre os outros. Colocando os estereótipos coloniais ouvidos dos seus próprios maridos. Vendando os olhos para o verdadeiro problema delas que era a submissão colonial a que estavam sujeitas pelo facto de serem mulheres. Para elas, as negras eram cadelas, discurso muito masculino, arditosamente tecido para camuflar as tendências poligâmicas do homem branco em terras africanas. Não se podia aceitar que um branco tivesse duas esposas, uma preta e outra branca, era mais prático dizer que o branco tinha uma esposa e uma cadela.

A voz da Isabela Figueiredo emerge em protesto contra este machismo do sistema colonial, que não reconhece a dinâmica das relações de género, que a sociedade colonial construiu entre os homens e as mulheres. Só fala de batalhas, vitórias e tretas dos homens. A mulher

branca é invisível, é silenciada, demonstrando desta forma que as mulheres brancas são as principais vítimas da violência do colonialismo, mesmo antes dos negros. A mulher branca não tinha voz, tal como todos os pretos e pretas. Não era autorizada a falar alto, mesmo dentro de casa ou no círculo dos amigos. Elas não tinham direito à sua própria sexualidade, tinha que ter o sexo estreito e casto, tal como os colonizados que não tinham direito à sua terra e à sua liberdade. Elas não tinham o mesmo direito de escolher os parceiros sexuais e seriam excomungadas do grupo se se envolvessem com um negro, tal como os negros não tinham voz nem o direito de viver, tal como bem descreve a autora: morrer sempre foi fácil naquela terra, antes ou depois.

A ida às pretas é um reflexo das ideias do luso-tropicalismo de Gilberto Freire, reafirma a suposta superioridade sexual do colonialismo, dando carta-branca para a violência sexual contra todas as mulheres negras. Dar dinheiro à mulher negra diante do marido é um ato de exorcismo dos fantasmas criados pelo poderoso mito da virilidade do homem africano, que atormentava as mentes dos homens brancos. E a melhor forma encontrada para disciplinar o sexo do homem negro. Era preciso castrá-los. Apagar o fogo sexual e reduzi-los à condição de mulher. Humilhar um homem, qualquer que seja, diante da sua mulher, e sempre. Nada melhor do que esta passagem para entender como a autora descreve a vingança sexual do branco sobre o negro.

Ernesto não ia trabalhar há três dias. Era preto e os pretos eram preguiçosos, queriam era passar o dia estendidos na esteira a beber cerveja e vinho de caju [...]. O meu pai gritava lá dentro e, aos safanões, trazia-o para fora [...] o branco mete uma nota na mão da negra e diz-lhe, dá de comer aos teus filhos [...].

Já no final desta obra o pai da Isabela fala de liberdade. Parece estar em busca de redenção. Ele sonha com a liberdade para a própria filha. Apesar de ser colono, de reprimir a mulher, conhece a importância da liberdade e diz:

Tens de ter uma profissão que te permita viver a tua vida, com os teus filhos, ou não, sem depender de nenhum homem! Sem estares às custas de ninguém. Tens de ser dona da tua vida. Tens de ser livre. Compreendes?

Liberdade é o que ganhou a autora com a publicação deste livro, que elevou a sua voz para clamar por uma sociedade de justiça, entre todas as raças. O caminho para a liberdade é longo. Doloroso. Penoso. Mas a Isabela Figueiredo percorreu-o com coragem e valentia, atormentada pelo doloroso sentimento de traição. Deu uma nova vida à sua alma, num ato que considero de amor ao próximo.

Não é ao pai a quem ela dirige a crítica, mas a todo um sistema personificado na figura de um homem. Afinal a maioria dos brancos comportava-se da mesma maneira. Não se trata da mãe, mas de uma vítima de um sistema, tal como a maioria das mulheres, brancas ou negras. Tem um sentimento de traição e remorsos? Porquê? Quem somos nós para julgar a história, condená-la ou absolvê-la? De que traição se trata, se todos, colonizadores e colonizados, éramos apenas vítimas desse mal chamado colonialismo?

A viagem para o futuro exige sempre uma paragem, um olhar para trás. Uma avaliação do percurso, que a autora faz com muita mestria na presente obra. Ela sonha com um mundo de igualdade e por isso repudia o racismo, o machismo e todas as formas de violência do sistema colonial, para que estes males não se repitam no futuro. Que ganhamos nós com a violência do colonialismo? E o que é que perdemos? Construiu-se uma civilização de terror e de ódio entre os povos. De genocídio dos índios na América e dos negros em África. Criou-se um mundo de dor, de terror e de crimes sem fim. Será que para construir uma civilização é preciso matar, violentar.

Com o colonialismo perdeu-se a oportunidade de aprender as lições que a África tem para dar ao mundo. Para um negro, a liberdade é o bem mais importante na vida, por isso lutam por ela durante séculos. Para um negro, a alegria é a base da sobrevivência, por isso sorri e canta. Mesmo tratados como animais, mortos aos milhões, vivendo com pouco ou quase nada, nunca perderam a alegria. Os africanos mostram pela experiência que a felicidade vale mais que a fortuna. Por isso

dançam na alegria ou na tristeza. No nascimento ou na morte, porque a paz é a essência da humanidade.

Saúdo a Isabela, por esta obra que é um apelo à construção de um mundo mais justo entre todas as raças. E uma exortação para que as mãos dos brancos e dos pretos se unam na construção de uma civilização livre do terror e da opressão.

Por mim, desejo que a África tenha um coração bom para perdoar a violência colonial exercida durante séculos, que é denunciada nesta obra de Isabela Figueiredo. Que os africanos mantenham viva a hospitalidade e fraternidade com que recebeu os brancos na hora dos chamados “descobrimentos”. Que seja a África de hoje e de amanhã um lugar de paz, onde todas as raças construam um mundo novo, sem sangue, nem choro, nem escravatura. Que seja a África a vanguarda da revolução, para a construção de uma civilização de amor.

Sobre Caderno de memórias coloniais

José Gil

Nenhum livro restitui, melhor do que este, a verdade nua e brutal do colonialismo português em Moçambique. Até porque, como a autora refere, ele aparece envolvido pelo mito da sua mansuetude – obretudo quando comparado, como era sempre, com o apartheid sul-africano. Mito tão interiorizado pelos próprios colonos que através dele, como por uma lente, percepcionavam a realidade de que constituíam um elemento decisivo – como considerarse a si mesmos violentos e prepotentes no tratamento que davam aos negros? A verdade escondia-se sob a boa consciência necessária à regularidade quotidiana da vida

"paradisíaca" dos brancos. Para a desenterrar era preciso ir procurá-la nas sensações infinitamente vibráteis e virgens de uma menina, filha de colonos, que vivia à flor da pele o sentido mais profundo de tudo o que acontecia.

Todas as crianças trazem a verdade imediatamente no corpo e nos afetos, quando não a recobriram ainda com o texto dos adultos. Mas o que tomou a criança que foi Isabela Figueiredo uma caixa de ressonância particularmente sensível e poderosa - e menos domável do que a da maioria dos "pequenos colonos brancos"? O Caderno de memórias coloniais é um livro extraordinário também porque dá a ver a trama complexa de fatores que, convergindo numa vida, fizeram com que esta exprimisse os mais finos meandros da realidade colonial.

O filho de colono nasce em estado de cisão. Múltipla cisão: entre o mundo material e elementar de África, com os seus espaços imensos, o excesso em tudo, no sol, no calor, na chuva, nas cores, nos ruídos, nos perigos – e o mundo cultural de Portugal, recitado na escola, veiculado por uma língua inapta para captar a geografia, a fauna e a flora africanas que as línguas indígenas conheciam bem; entre o universo dos negros, contíguo e opaco, daquela terra imediata e desconhecida, e o dos brancos, aparentemente transparente, mas sempre inconscientemente residual, artificial; entre a vastidão do mundo indígena que se perdia no mato e na selva e que se sabia sem se saber que estava ali desde sempre e a pequenez do mundo europeu, confinado às cidades, com uma história curta e limitada - mas que detinha o poder sobre aquela imensidão. Divisões e separações que se multiplicavam, em inúmeros domínios e aspectos da vida colonial. Cisão que abria um vazio no espírito dos colonos, uma espécie de abismo aonde se precipitavam as emoções, a sensualidade e a sensibilidade das crianças. Não mediados nem suficientemente trabalhados pela linguagem e pela cultura, os afetos intensificavam-se naturalmente.

Sobretudo se – como era o caso da pequena Isabela – conviviam ou tinham contacto permanentes com as crianças negras.

Disse alto, com voz forte e jovial, muito perto da minha cabeça:

- Olá!

Era um olá grande, impositivo, ao qual me seria impossível não responder. Reconheci a sua voz, e, ainda no sono, pensei, não podes ser tu; tu já morreste.

E abri os olhos.

1.

Manuel deixou o seu coração em África. Também conheço quem lá tenha deixado dois automóveis ligeiros, um veículo todo-o-terreno, uma carrinha de carga, mais uma camioneta, duas vivendas, três machambas, bem como a conta no Banco Nacional Ultramarino, já convertida em meticais.

Quem é que não foi deixando os seus múltiplos corações algures? Eu há muitos anos que o substituí pela aorta.

2.

Os brancos iam às pretas. As pretas eram todas iguais e eles não distinguiam a Madalena Xinguile da Emilia Cachamba, a não ser pela cor da capulana ou pelo feitio da teta, mas os brancos metiam-se lá para os fundos do caniço, com caminho certo ou não, para ir à cona das pretas. Eram uns aventureiros. Uns fura-vidas.

As pretas tinham a cona larga, diziam as mulheres dos brancos, ao domingo à tarde, todas em conversa íntima debaixo do cajueiro largo, com o bandulho atafalhado de camarão grelhado, enquanto os maridos saíam para ir dar a sua volta de homens, e as deixavam a desenferrujar a língua, que as mulheres precisam de desenferrujar a língua umas com as outras. As pretas tinham a cona larga, mas elas diziam as partes baixas ou as vergonhas ou a badalhoca. As pretas tinham a cona larga e essa era a explicação para parirem como pariam, de borco, todas viradas para o chão, onde quer que fosse, como os animais. A cona era larga. A das brancas não, era estreita, porque as brancas não eram umas cadelas fáceis, porque à cona sagrada das brancas só lá tinha chegado o do marido, e pouco, e com dificuldade, que elas eram muito estreitas, portanto muito sérias, e convinha que umas soubessem isto das outras. Limitavam-se ao cumprimento das suas obrigações matrimoniais, sempre com sacrifício, pelo que a fornicção era dolorosa, e evitável, por isso é que os brancos iam à cona das pretas. As pretas não eram sérias, as pretas tinham a cona larga, as pretas gemiam alto, porque as cadelas gostavam daquilo. Não valiam nada.

As brancas eram mulheres sérias. Que ameaça constituía para elas uma negra? Que diferença havia entre uma negra e uma coelha? Que branco perfilhava filhos a uma negra? Como é que uma negra descalça, de teta pendurada, vinda do caniço a saber dizer, sim patrão, certo

patrão, dinheiro patrão, sem bilhete de identidade, sem caderneta de assimilada, poderia provar que o patrão era o pai da criança.

Que preta é que queria levar porrada? Quantos mulatos conheciam o pai? Os brancos entravam no caniço e pagavam cerveja, tabaco ou capulana a metro à negra que lhes apetecesse. A bem ou a mal. Depois abotoavam a braguilha e desapareciam para as suas honestas casas de família. Como poderia alguém saber de onde eram, e como se chamavam? Os brancos mantinham a mulher algures no centro da cidade, ou na Metrópole. E para aí seguiam.

As incursões sexuais pelo caniço não assombravam o seu futuro, porque uma negra não tinha poder para reclamar paternidade. Ninguém lhe daria crédito.

Mas um branco podia, se quisesse, casar com uma negra. Esta ascenderia socialmente, e passaria a ser aceite, com reservas, mas aceite, porque era mulher do Simões, e por respeito ao Simões... Era frequente no caso dos cantineiros e machambeiros afastados da cidade, homens relativamente à parte na sociedade colonial decente, que mais cedo ou mais tarde se cafrealizavam.

Para uma branca, assumir uma união com um negro, implicava proscricção social. Um homem negro, por muito civilizado que fosse, nunca seria suficientemente civilizado. O meu pai revoltava-se quando encontrava uma branca com um negro, já depois do 25 de Abril, em Portugal. Fitava os pares como se visse o Diabo. Eu dizia-lhe, para de olhar, o que é que te interessa? Respondia-me que eu não sabia, que um preto nunca poderia tratar bem uma branca, como ela merecia. Era outra gente. Outra cultura. Uns cães. Ah, eu não entendia. Ah, eu não podia compreender. Ah, eu era comunista. Como é que tinha sido possível eu dar em comunista?

3.

Foder. O meu pai gostava de foder. Eu nunca vi, mas via-se. Uma pessoa que observasse bem o meu pai, os olhos a sorrir simultaneamente com a boca, a sensualidade viril das mãos, braços, pés, pernas... uma pessoa que escutasse a maliciosa rapidez da sua resposta, o sentido de humor permanente e dúbio desse gigante percebia que aquele homem gostava de foder. Eu não sabia, mas sabia. Quando o meu pai me levantava no ar como se fosse uma coisa, ou me transportava às cavalitas, sentia-me fraca perante a força total, dominada, possuída por ela.

Eu nunca percebi nada sobre isso de foder até aos meus sete anos, ou melhor, conscientemente nunca percebi. Desconhecia a existência e depois o significado do verbo e não fazia qualquer ideia sobre como se realizava a procriação. Mesmo muito depois dessa idade, pensava que as crianças nasciam porque os homens e as mulheres se casavam e, nesse momento. Deus punha as mulheres "de bebé". Não dizia "grávidas". Também não conhecia essa palavra, e a primeira vez que a disse, a minha mãe deu-me uma bofetada para eu aprender a não dizer palavrões.

A sexualidade do meu pai foi uma questão que só me surgiu, e pálido, depois dos sete. A certa altura da noite percebi que os meus pais fechavam a porta do quarto e a minha mãe parecia chorar. Houve uma noite em que me levantei, lhes bati à porta e disse, "para de fazer isso à mãe". Não sabia o que faziam para que a minha mãe sofresse assim, mas não queria que acontecesse, muito menos sob as mãos do meu pai, e percebia que o que quer que fizessem, se era à porta fechada, não podia ser sadio.

Mais tarde, apareceu um livro volumoso debaixo da cama dos meus pais. Era do Dr. Fritz Khan e o título tinha a palavra "sexual". Quando o abri observei que continha ilustrações de homens e mulheres nus com pêlos e órgãos sexuais visíveis. Havia muitas ilustrações absolutamente vergonhosas que me abstenho de revelar. Li o livro deitada a toda a largura da cama dos meus pais, com o queixo apoiado na borda do colchão e os braços caídos para virarem as páginas do livro, no chão. Quando escutava os passos da minha mãe, fazia deslizar o volume proibido para debaixo da cama e simulava uma situação em que me encontrava a ler qualquer outro livro inofensivo. Estava tudo pensado, mas eles perceberam a certa altura, porque o Fritz deixou de estar debaixo da cama e deu-me algum trabalho a descobri-lo escondido no guarda-roupa. Tirar o livro do guarda-roupa para voltar a escondê-lo representava um risco maior. Mas li-o todinho, apesar das dificuldades - a minha mãe tinha demasiado que fazer no quintal! - e fiquei a perceber que o sexo era trabalhoso, eventualmente uma porcaria, embora houvesse interessantes potencialidades a explorar.

O maior choque que sofri com a consciência da sexualidade paterna aconteceu no dia em que o vi, com os meus olhos de dez anos, cobiçar uma rapariga que passava, e atirar-lhe um piropo. Foi na bomba de gasolina que ficava à saída de Lourenço Marques, logo a seguir ao entroncamento da Matóla. Estou a vê-lo fora da carrinha, braço apoiado na janela, esperando a vez que o preto viesse meter gasolina - e fazer aquela figura. Que vergonha! O meu pai! Que vergonha!

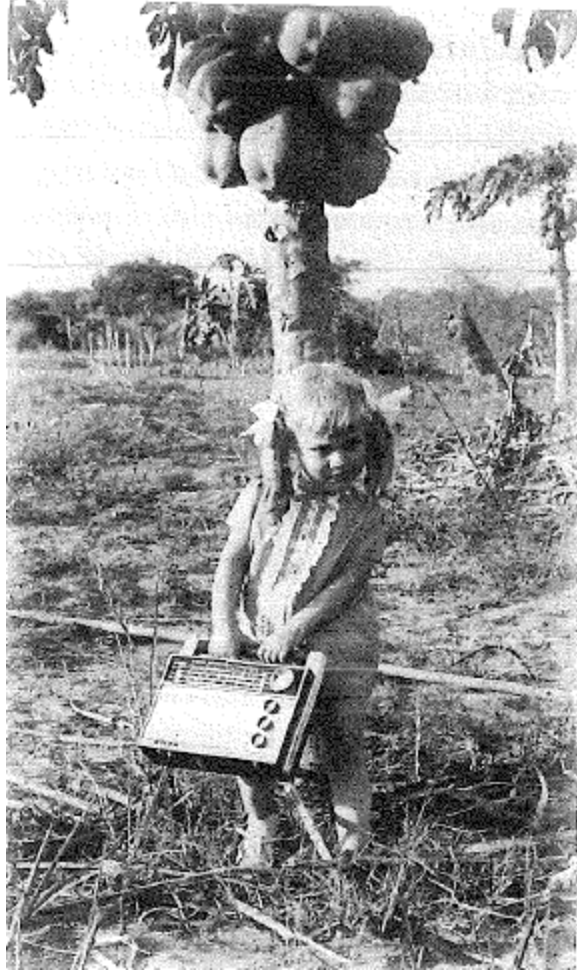
A minha mãe diz agora que percebia perfeitamente quando ele andava com outras. Mas fazia de conta que não percebia. Calava-se. Que opção havia?!

Há uns anos, contou-me que a polícia chegou a ir lá a casa para falar com ele sobre certo caso em que teria ido fazer uma instalação numa casa particular e se teria metido com a dona, uma mulher casada. Imagino a cara da minha mãe e a do polícia "olhe, minha senhora, queremos fazer umas perguntas ao seu marido sobre umá queixa apresentada contra ele". E também estou a vê-lo, sorridente, sedutor, ufano, lançar umas indirectas à senhora, sozinha em casa. Ela até pode ter-lhe dado corda e ele avançado com autorização, nunca se saberá. Ou pior, ter avançado sem corda. Conhecendo o meu pai, parece-me menos

provável. Ele gostava de mulheres, de usar com elas a malícia do discurso, os duplos sentidos, tinha gozo no jogo da sedução, e deve ter começado por aí. Quero acreditar que deva ter sido assim. Mas dessa vez saiu-se mal.

Recordo as conversas ouvidas entre mulheres. Eu não tinha idade para entender, pensavam elas, por isso falavam sobre o que ele fazia nos bairros indígenas antes da chegada da minha mãe, e os herdeiros mulatos que por lá teria deixado antes de casar. As suas surtidas às palhotas teriam sido bastante frequentes. Porque o meu pai, já se sabe, gostava de foder, porque as esposas de colono, quando se juntavam, falavam das cabras das pretas e da facilidade com que tinham filhos uns atrás dos outros, porque eram muito abertas, e também gostavam... e aludiam sub-repticiamente ao que se dizia serem as características dos órgãos sexuais masculinos do negro e voltavam ao tema de que as negras gostavam de fazer aquilo... e esta conversa sempre me cheirou a esturro.

Uma branca não admitia que gostasse de foder, mesmo que gostasse. E não admitir era uma garantia de seriedade para o marido, para a imaculada sociedade toda. As negras fodiam, essas sim, com todos e mais alguns, com os negros e os maridos das brancas, por gorjeta, certamente, por comida, ou por medo. E algumas talvez gostassem, e guinchassem, porque as negras eram animais e podiam guinchar. Mas, sobretudo, porque as negras autorizavam-se a si próprias a guinchar, a abrir as pernas, a ser largas.



4.

Ele sentia prazer em viver e gostava de comer, beber e foder, isso já expliquei.

Lourenço Marques, na década de 60 e 70 do século passado, era um largo campo de concentração com odor a caril.

Em Lourenço Marques, sentávamo-nos numa bela esplanada, de um requintado ou descontraído restaurante, a qualquer hora do dia, a saborear o melhor uísque com soda e gelo, e a debicar camarões, tal como aqui nos sentamos, à saída do emprego, num *snack* do Cais do Sodré, forrado a azulejos de segunda, engolindo uma imperial e enjoando tremoços.

Os criados eram pretos e nós deixávamos-lhes gorjeta se tivessem mostrado os dentes, sido rápidos no serviço e chamado patrão. Digo nós, porque eu estava lá. Nenhum branco gostava de ser servido por outro branco, até porque ambos antecipavam maior gorjeta.

O meu pai, a quem coube a missão de electrificar a Lourenço Marques dos anos 60, nunca quis empregados brancos, porque teria de lhes pagar os olhos da cara.

Lembro-me bem de o escutar à mesa, tagarelando sobre a questão, com a minha mãe, relativamente a determinados brancos que lhe vinham pedir emprego, e que seriam uma boa aquisição, pois, sim senhor, mas o ordenado dobrava ou triplicava, e não, preferia andar ele sozinho a tomar conta das suas inúmeras obras, por onde deixava os seus inúmeros pretos. Tinha doze no prédio da 24 de Julho, mais vinte no Sommershield, mais sete numa vivenda na Matóla... e corria, o dia inteiro, a cidade, de um lado ao outro, a controlar o trabalho da pretalhada, a pô-los na ordem com uns sopapos e uns encontrões bem

assentes pela mão larga, mais uns pontapés, enfim, alguma porrada pedagógica.

Um branco saía caro, porque a um branco não se podia dar porrada, e não servia para enfiar tubos de electricidade pelas paredes e, depois, cabos eléctricos por dentro deles; um branco servia para chefe, servia para ordenar, vigiar, mandar trabalhar os preguiçosos que não faziam nenhum, a não ser à força. O que se dizia à mesa do jantar era que o sacana do preto não gostava de trabalhar, ganhava o suficiente para comer e beber na semana seguinte, sobretudo beber; depois, ficava-se pela palhota estiraçado no pulguedo da esteira, a fermentar aguardente de caju e de cana, enquanto as pretas trabalhavam para ele, com os filhos às costas. Os brancos respeitavam estas mulheres do negro, muito mais que os seus homens. Era frequente o meu pai dar dinheiro extra às mulheres, quando os ia procurar às palhotas, e os encontrava perdidos de bêbados. Dinheiro para elas comerem, para darem aos filhos.

O negro estava abaixo de tudo. Não tinha direitos. Teria os da caridade, e se a merecesse. Se fosse humilde.

Esta era a ordem natural e inquestionável das relações: preto servia o branco, e branco mandava no preto. Para mandar, já lá estava o meu pai; chegava de brancos!

Além de mais, empregados brancos traziam vícios; um negro, por muitos vícios que ganhasse, havia sempre forma de lhos tirar do corpo.

Em Moçambique não havia televisão e, portanto, não suportávamos o ruído do telejornal, nem dos programas da manhã, da tarde e da noite. Havia os rádios, que, em Portugal, se chamavam telefonias, e que todos empunhavam para ouvir a emissora local, ou a da metrópole, em onda curta, essa muito mais protocolar, dando outro estatuto a quem a escutasse; até porque era preciso um rádio melhor, não um mero transístor minúsculo, ou um Xirico.

Havia pelo menos uma emissora para os negros, que falava a sua língua e tocava a sua música, e que nenhum branco ouvia, embora a tolerasse nas obras, porque a negralhada ia trabalhando entretida com a marrabenta e mais o batuque e a ladainha incompreensível do landim falado, e os cabos e fios iam progredindo pelas entranhas dos edifícios, como tinha de ser.

Em Lourenço Marques, as pessoas sentavam-se no restaurante, de preferência no exterior, porque as ventoinhas no interior eram inúteis, e o ar condicionado, um luxo, conversando, durante prolongadas horas, sobre o *fait divers* colonial; bebiam do bom e do melhor e, eventualmente, fodiam, no final, em casa ou fora dela, legítimamente ou não.

Em Moçambique era fácil um branco sentir prazer de viver. Quase todos éramos patrões, e os que não eram, ambicionavam sê-lo.

Havia sempre muitos pretos, todos à partida preguiçosos, burros e incapazes a pedir trabalho, a fazer o que lhes ordenássemos sem levantar os olhos. De um preto dedicado, fiel, que tirasse o boné e dobrasse a espinha à nossa passagem, a quem se pudesse confiar a casa e as crianças, deixar sozinho com os nossos haveres, dizia-se que era um bom mainato. Arranjava-se-lhe farda de caqui, chinelos, dava-se-lhe da nossa comida, comia na mesa do quintal ou na da cozinha, e quando a roupa do patrão ficava coçada, oferecíamos-lha. Ninguém queria perder um bom mainato.

Os pretos começavam a pedir trabalho às nossas portas desde crianças, rapazes e raparigas. Batiam ao portão, abríamos, e apareciam crianças esfarrapadas, descalças, ranhosas e esfomeadas de farinha dirigindo-nos as poucas palavras que conheciam, "trabalho, patrão". Crianças da minha idade ou mais novas. Abria a porta aos pedintes e ficava a olhá-los sem palavras. Não compreendia. Chamava a minha mãe, que rapidamente os enxotava, "vai-te embora, aqui não há nada!", e eu seguia para o meu quarto e continuava a ler Dickens ou o que quer que fosse. Não compreendia.

O prazer de ler um livro amortecia humilhações, e era muito maior do que o de brincar sozinha com os bichos ou imaginando guerras com as roseiras. Um livro trazia um mundo diferente dentro do qual eu podia entrar. Um livro era uma terra justa. Porque esse foi o problema. Entre o mundo dos livros e a realidade ia uma colossal distância. Os livros podiam conter sordidez, malevolência, miséria extrema, mas, a um certo ponto, havia neles uma redenção qualquer. Alguém se revoltava, lutava e morria, ou salvava-se. Os livros mostravam-me que na terra onde vivia não existia redenção alguma. Que aquele paraíso de interminável pôr-do-sol salmão e odor a caril e terra vermelha era um enorme campo de

concentração de negros sem identidade, sem a propriedade do seu corpo, logo, sem existência.

Quem, numa manhã qualquer, olhou sem filtro, sem defesa ou ataque, os olhos dos negros, enquanto furavam as paredes cruas dos prédios dos brancos, não esquece esse silêncio, esse frio fervente de ódio e miséria suja, dependência e submissão, sobrevivência e conspurcação.

Não havia olhos inocentes.



5.

Foder. Essa descoberta tornou-se algo que me envergonhava e desejava.

Tinha os tais sete ou oito anos.

Numa das raras ocasiões em que pude brincar fora do meu quintal, - o meu pai não estava em casa e a minha mãe deve ter-se querido livrar do empecilho - lembro que voava num baloiço improvisado num ramo de cajueiro, empurrada por um rapazito da vizinhança, mais ou menos da minha idade. O cajueiro situava-se junto aos caboucos e paredes semi-erguidas de uma nova casa de colonos - e nunca de lá saiu, mesmo depois de concluída a construção. Ironicamente, era a casa da Dona Prazeres. Ó miúdo era obviamente branco, filho de vizinhos de confiança, gente boa da metrópole; havia convivência. Perguntou-me, "Queres jogar a foder?" Jogar a foder?! Ora aí estava uma brincadeira que eu não conhecia, nunca tinha jogado na escola e não sabia mesmo como era. Devo dizer que o Luisinho tinha apenas uma vaga ideia, embora soubesse mais do eu. Era curiosa, portanto não me passou pela cabeça recusar tal brincadeira. Perguntei-lhe como se fazia e ele esclareceu-me resumidamente, "despimo-nos e eu ponho-me em cima de ti". A coisa não me pareceu muito ortodoxa, "despirmo-nos", "em cima de", mas aceitei sem problemas. Tinha curiosidade, e não só. Pressenti ser algo que não se podia fazer, portanto devia ser bestial e queria experimentar. Era curiosa, aventureira, era uma miúda sozinha que brincava com as formigas.

O Luisinho avisou que era melhor irmos fazer aquilo para dentro da casa. Mas não existia casa, apenas alguns tijolos já colocados até à altura do que viriam a ser as Janelas, nada de tecto, apenas chão de terra vermelha. No interior desta estrutura em construção existia já divisão

em compartimentos. Escolhemos o que viria a ser o espaço da casa-de-banho. Deve ter-nos parecido adequado à fisiologia da função. Era um espaço pequeno e dava para as traseiras da futura casa. É relevante que tenhamos escolhido esse espaço mais pequeno, portanto mais fechado sobre nós, mais íntimo, porque nenhum de nós sabia muito bem o que estava a fazer, o que era isso de foder. Mas intuíamos-lo. E foi muito simples. Despimo-nos completamente, eu deitei-me sobre a terra, exactamente como nos ensinavam que se devia dormir, pernas e braços bem direitos, o Luisinho deitou-se nuzinho sobre mim, exactamente como nos ensinavam na escola que se devia dormir, e ali ficámos alguns minutos, nessa posição de difícil equilíbrio, conversando e "fodendo". Eu estava por baixo e podia ver a abertura já existente onde se situariam as janelas. E, num ápice de segundo, apercebo-me da figura do meu pai, oh, meu Deus, o meu pai, estou a vê-lo ainda hoje, debruçado nesse vago, com os antebraços pousados no tijolo, olhando para baixo, observando a cena, apercebendo-se da situação e desaparecendo rapidamente. Percebi tudo. Nessa fracção de segundo levantei-me, derrubando o Luisinho, e agarrando a minha roupa. No momento em que o meu pai deu a volta ao exterior da casa, entrou pela porta e me arrebatou pelo braço, estava o Luisinho ainda em pelota e eu já meia vestida. Segundos antes da pancada, tinha já a certeza absoluta que foder era proibidíssimo.

Senti durante muito tempo as violentas bofetadas do meu pai a arder no rosto e os golpes que espalhou pelo meu corpo; rosto, braços, nádegas, costas, pernas. Onde caísse. Foi violento. Depois fechou o meu braço nas suas poderosas garras e voei para dentro do nosso quintal, onde me largou e pude fugir em direcção ao meu quarto, contendo lágrimas, ardendo, humilhada, pensando que a minha vida acabava, ali. Pior que a dor da pancada era a da humilhação por ele me ter visto foder, me ter apanhado no pior dos pecados. Achei que não era capaz de voltar a olhar para ele nem ele para mim, de sair do quarto. Mais tarde ouvi-o contar à minha mãe, mas nem me recordo da sua resposta. Nunca, no resto da minha infância, da minha vida, qualquer um deles falou comigo sobre o acontecido. É algo que não existiu.

Nesse dia longínquo de 1970 perdi a inocência, descobri o sexo, e comecei a sonhar que fodia com o Gianni Morandi enquanto ele me

cantava *Non son degno di te, /non ti merito più.*

6.

Ele gostava de viver. Não tinha medo de nada. Com ele tudo era possível.

Tinha uma carrinha Bedford, branca, na qual transportava os materiais da electricidade; cabos, tubos, maquinaria. Na altura, só quem morava no mato é que tinha jipe.

Quando decidia que íamos passear - e decidia-o muitas vezes, porque era o que mais gostava de fazer - a minha mãe tremia. Era certo que o passeio ia acabar connosco perdidos ou acidentados num qualquer fim de mundo, tendo de procurar, a pé, cantinas ou palhotas para pedir ajuda. Enterrávamo-nos na areia ou o carro gripava ao atravessar um riacho ou embatia numa pedra ou num buraco fundo e partia-se o eixo ou acabava-se a gasolina... Eu e a minha mãe dizíamos-lhe "não passa!". E ele, "vocês vão já ver!" E víamos! Daquele sítio em concreto víamos horas de paisagem! O meu pai metia-se pelo mato dentro e desencantava alguém, em alguma palhota, para vir empurrar, desenrascar o branco por uma gorjeta. Eu bendizia sempre essa gente recrutada à força, que para mim surgia do meio das árvores como se viesse do céu.

Saindo da cidade, os lugares podiam tornar-se selvagens e inabitados por quilómetros e quilómetros. Eu e a minha mãe tínhamos a noite, e só pensávamos em como sair dos apuros em que o meu pai nos metera por ter descoberto uma estrada que "de certeza devia ir dar a qualquer sítio". Não só raramente chegávamos ao tal sítio dos sítios, como nos enervávamos, acabando por não aproveitar a paisagem com o espírito que se esperaria.

Era África, inflamante África, sensual e livre. Sentia-se crescer por debaixo dos pés. Era vermelha. Cheirava a terra molhada, a terra mexida, a terra queimada, e cheirava sempre.

Não é que eu não apreciasse os passeios do meu pai, mas as crianças não compreendem bem o espírito de aventura. Tinha medo. Gostaria que tivesse sido possível o meu pai viver o suficiente para podermos repeti-lo na minha adultícia, mas não sei se ele poderia regressar a África, apesar de ter sido a única terra que amou. Nos dias que antecederam a sua morte ainda sonhava andar a fazer umas instalações nuns prédios da "Sommershield".

Também nos meus sonhos os caminhos ainda são de terra vermelha batida.

7.

As mangas pesavam nas árvores, penduradas por fios verdes. Pesavam muito gordas, rosadas, levando os ramos a tocar o chão. Da junção da manga a esse caule que a sustinha, escorriam gotas viscosas de resina transparente.

As pretas vendiam mangas no chão, em fila, no bazar de Lourenço Marques. As pretas vendiam tudo no chão, em qualquer lado; estendiam uma capulana velha e faziam montinhos de tomate, de raízes, de mangas, de amendoim.

Tudo o que as pretas vendiam tinha saído das terras que cultivavam, mas não lhes pertenciam, e tudo era bom para comer. As pretas vendiam para comerem elas e os seus filhos e os homens, que nunca são de ninguém.

Um branco e um preto não eram apenas de raças diferentes. A distância entre brancos e pretos era equivalente à que existe entre diferentes espécies. Eles eram pretos, animais. Nós éramos brancos, éramos pessoas, seres racionais. Eles trabalhavam para o presente, para a aguardente-de-cana do "dia-de-hoje"; nós, para poder pagar a melhor urna, a melhor cerimónia no dia do nosso funeral.

Uma branca não vendia mangas a não ser por grosso, a outros brancos que as distribuíssem. Uma branca não vendia mangas no chão, à porta. Mas eu era uma colonazinha preta, filha de brancos. Uma negrinha loira. E a colonazinha negra que eu era vendia montezinhos de mangas do lado de fora do portão da machamba. Três mangas, com mais uma empoleirada no topo. Quatro mangas: uma quinhenta. Eu sabia que era barato, mas convinha vencer a desconfiança dos negros que passavam a pé, vindos da jornada, e se deparavam com a colonazinha sentada no chão, de pernas cruzadas, tomando conta da pequena venda

de mangas, que assentava sobre um caixote virado, servindo de banca para o negócio. Era preciso que o preço fosse muito atractivo para que ousassem perder o medo e aproximar-se da menina branca-negra como eles. "Quanto é?", perguntavam de longe. "Quinhenta", respondia. E então eles vinham, hesitantes, surpreendidos, mas sorridentes. Lembro o sorriso grande dos negros. E compravam. Eram as melhores mangas da minha mangueira, muito gordas de sumo e carne, muito coloridas de rosa e salmão. Só uma quinhenta. Quatro.

Vender mangas ao portão, escondida da minha mãe, era a desobediência que preferia praticar.

8.

O preto chamava-se Manjacaze. Não sei onde morava, se tinha mulher ou filhos, mas imagino que sim, que morasse numa palhota a duas ou três horas de caminho de Lourenço Marques. Imagino que para pegar às sete da manhã saísse da palhota às cinco. E fizesse todo o caminho respirando a primeira neblina leitosa, rasteira ao chão, depois o nascer do sol bravo e fresco àquela hora.

Manjacaze era o criado do prédio Lobato.

Trazia para baixo todo o lixo dos sete andares do prédio, em grandes bidons que tinham sido de gasolina. Deslocava-os até não sei onde. Não queríamos saber disso. Éramos brancos, queríamos lá saber o que faziam os pretos ao nosso lixo, desde que desaparecesse.

Manjacaze era querido dos inquilinos. Os meus pais davam-lhe sempre as sobras do pão do dia anterior, restos de comida, a roupa rasgada, velha, que tinha deixado de nos servir. De vez em quando, porque éramos católicos e bons - Páscoa, Natal, Entrudo - uma garrafa de vinho ou aguardente, uns fritos da minha mãe. Comida, bebida, objectos que eram dados com altruísmo ao preto bom, ao preto que vergava as costas e a cabeça numa vénia, quando nos via, e que era simplesmente bom, um bom preto.

Vejo Manjacaze muito nítido; as suas mãos secas calosas postas à frente das pernas, com os dedos entrelaçados, enquanto agradecia, muito obrigado patrão, muito obrigado senhora, muito obrigado menina, e se dobrava.

Manjacaze era bom. Os olhos de Manjacaze, ligeiramente amarelados, eram bons. Nunca falava alto, nunca modificava o tom de voz, sorria sempre. Vejo-o retirar os bidons de lixo do elevador de serviço. Posso descrever como os rodava fazendo-os circular para fora,

avançando-os até à rua. Sempre do elevador do serviço, o único em que subia e descia, embora fosse ele quem os desencravava a todos, quem resolvia os problemas dos sete andares do prédio Lobato.

Manjacaze, vai lá acima, temos coisas para ti. Muito obrigada, senhora. Sempre uma palavra boa. Manjacaze ajudou-me a acreditar na espécie humana, nos que apesar de humilhados na hierarquia, mantinham a dignidade sobre todas as coisas, e a valorizavam como invisível posse sagrada.

Naquela altura em que ainda acreditava em tudo, e não poderia antecipar que havia de ter nada, falhar, sobretudo os outros, eu, a normalidade, falhar ano após ano, como se tivesse nascido invisivelmente manchada.

Manjacaze tinha um ar de avô. Se pudesse sentar-me ao seu colo e ouvir histórias dos pretos, como se isso fosse possível nesta vida! Porque um negro não tocava numa branca nem como avô. Era tabu. Por isso, apenas sorriamos um para o outro. Não dizíamos nada.

9.

Ao sábado trabalhava-se, e o meu pai pagava a semana ao final da tarde. Ao sábado havia milando.

Morávamos num terraço da 24 de Julho. O rectângulo de cimento que constituía a caixa do elevador elevava-se nu acima do chão, como uma espécie de torre de vigia. Subíamos seis degraus bem altos para aceder ao portão dessa construção que metia medo.

Ao sábado, ao final da tarde, o meu pai chegava ao terraço com os pretos todos, os desenrascados, os mandriões e os assim-assim. Eles sentavam-se nos degraus da caixa do elevador, constituindo, assim, um anfiteatro de assalariados. Falavam a língua deles entre si. Raramente português. Metiam-se comigo, ou não. Pediam-me para perguntar isto e aquilo ao meu pai. Pediam-me copos de água. Às vezes a minha mãe dava-lhes sandes ou bolachas. Se era véspera de dia importante, o meu pai era capaz de dar ordem para distribuir copos de vinho ou cervejas com sandes de carne. Esses momentos eram bons.

O meu pai sentava-se no topo da mesa da sala com os livros e blocos de apontamentos onde assentara o trabalho de cada um, mais as notas e moedas para pagar. Havia, por vezes, entre o meu pai e a minha mãe, alguma conferência sobre o valor dos pagamentos a efectuar, sendo que ela tentava acalmar-lhe os ânimos; dizia-lhe, "não faças isso", dizia-lhe, "fazes mal", dizia-lhe, "só vais arranjar problemas".

Lembro-me que eram finais de tarde todos em ouro, de uma serenidade animada. Começava a ficar mais fresco. Os corpos largavam a escravidão do trabalho como se larga a pele velha. No dia seguinte seria domingo e ao domingo não se falava em trabalho. Saía-se, comia-se, bebia-se, estava-se à sombra, ouvia-se rádio. Mas, no meu terraço, a essa hora, apesar de tudo, o ar tremia de medo e incerteza.

Gostava de ver ali os pretos do meu pai. Todos juntos pareciam muitos. Descansavam um pouco. Eram homens diferentes uns dos outros. Uns mais novos, outros velhos, com a carapinha a embranquecer. Uns calados e sérios. Outros sorrindo. Alguns com medo. Outros, falando como doidos. Rondava-os, observava-os, enquanto o meu pai fazia as contas; ia lá dentro confirmar se ele estava no mesmo sítio, chateado, praguejando; regressava ao anfiteatro de negros, que se impacientava com o tempo; as contas demoravam. Queriam ir-se embora, que estava a demorar; voltava lá dentro, estás a demorar; o meu pai muito tenso, eles que esperassem; corria ao anfiteatro, tinham de esperar. Os fins de tarde em ouro retalhavam os nervos a qualquer um.

A certa altura, o meu pai começava a chamá-los, não sei porque ordem. Podia ser a da recolha que fazia, às segundas de manhã, nas bombas do Xipamanine, ou ao calha. O procedimento era simples. Os negros iam à sala, e o meu pai entregava-lhes o dinheiro. Às vezes eles contavam e reclamavam. O meu pai gritava-lhes que nessa semana tinham estragado um cabo ou chegado tarde ou somado ou mostrado má cara ou era só porque lhe apetecia castigá-los por qualquer coisa que tinha metido na cabeça. Não sei, tudo era possível. Para além de ter mau génio nestas coisas, tinha os seus preferidos, e aos seus preferidos pagava sempre o acordado sem descontos. Depois havia os mais novos, recém-chegados, ou aqueles em quem o meu pai não confiava. E com esses havia muitas vezes milando. Ainda não tinham percebido as regras, que eram só duas: receber e calar. Não era preciso agradecer. Mas se agradecessem, começariam a subir na tabela de preferidos. A única hipótese de não haver milando, era meterem o dinheiro recebido no bolso das calças rasgadas e saírem, cabisbaixos. Se reclamavam, havia milando, e não eram poucas as vezes em que saíam da sala com um murro nos queixos, um encontrão dos bons. Havia milando bravo. Ameaçavam o meu pai, o que o irritava ainda mais. Eram expulsos. Eu e a minha mãe, tremíamos. Entre os negros que ainda esperavam receber, crescia um silêncio tenso. Depois, tudo se passava muito depressa. O meu pai chamava o resto dos nomes, pagava e punha-os a andar. A seguir ficava doente para o resto da noite

O meu pai tinha o condão de transformar os finais dourados das tardes de sábado num poço escuro de medo e raiva.

10.

Havia o filho do vizinho preto. O que comprou a casa do lado, na Matóla, a que tinha a manfurreira na esquina traseira que dava para o telhado na nossa garagem.

Subia pelo limoeiro velho para fugir à minha mãe, falar sozinha, brincar com os gatos e imaginar mundos novos, um outro mundo.

Quase engravidei do filho do vizinho preto. Tinha dez anos e o medo pôs-me de cama. Foi por pouco. Deus protegeu-me. O negrito, vendome no telhado da garagem, subia à sua manfurreira para falar comigo às escondidas da minha mãe. Foi o único com quem me relacionei profundamente. Chegámos a tocar-nos nas mãos, quando ele transferia para os meus braços os gatos que tinham fugido para o seu quintal. Tinha mãos iguais às minhas, rosa-amarelo-beje nas palmas, mas de preto. Falávamos da escola. De jogos. De bichos, sobretudo de cobras, porque havia inúmeras no mato do seu quintal, e ele gostava de me meter medo com isso. E mostrava - mas já cadáveres. Lembro-me do dia em que lhe disse, "a minha mãe não me deixa falar contigo". Também me lembro de lhe dizer "tenho de me ir embora, que ela está a chamar". Chamava-me furiosamente, muito zangada por não ter acesso ao telhado, e não poder desancar-me à chinelada. Ela tinha medo das minhas conversas com o negro. Eu tinha medo do filho mulato que já devia estar a crescer na minha barriga, de certezinha. Agradava-me o rapaz, e já tinha percebido que quando um homem e uma mulher gostavam um do outro, nascia uma criança. Se eu estivesse grávida do preto, o meu pai podia matar-me, se quisesse. Podia espancar-me até ao aviltamento até não ter conserto. Podia expulsar-me de casa e eu não seria jamais uma mulher aceite por ninguém. Havia de ser a mulher dos pretos. E eu tinha medo do meu pai. Desse poder do meu pai.

11.

Não gostava de anéis. Os pretos não tinham anéis. Tinham brincos pesados nas orelhas, que se rasgavam verticalmente. Tinham, ao pescoço, fios com sementes vermelhas, fitas coloridas nos pulsos, nos tornozelos, nos braços.

Eu tinha de usar um anel de ouro com um rubi. Era feio e apertava-me o dedo. Os negros não usavam nada que os apertasse, a não ser o trabalho do branco. Servir o branco apertava já o suficiente. Por isso, os negros, ao domingo, bebiam o vinho de caju que tinham deixado a fermentar toda a semana.

O vinho era branco turvo. Era um vinho sujo; flutuavam pedaços de fibra e casca da fruta. Era fermentado em garrafas de cerveja *Laurentina*, das grandes, ou 2M, das grandes; bazucas, valentes.

O caju torcia-se como a um esfregão e deixava um sumo áspero e doce, leitoso, que fazia os negros felizes. Sim, ao domingo à tarde, os negros eram felizes com o seu vinho de caju. Ao domingo à tarde, os negros não eram negros, eram nada; eram como os patrões brancos, felizes, e podiam rir e foder, cantar, cair e dormir. Aos domingos à tarde os negros eram quase brancos entre si. E tudo acabava à segunda, antes do raiar do sol.

Ao domingo à tarde, a rádio passava o Nelson Ned cantando *Domingo à Tarde*. Ao domingo à tarde íamos ao cinema. O cinema da Machava passava sessão dupla, com intervalo de meia hora entre cada filme; os mufanas calçados vinham vender *Quibons* geladinhos aos brancos, e chupas em pirâmide às crianças dos brancos.

A enorme sala do cine Machava dividia-se em três zonas bem definidas: bancos corridos de pau, à frente: primeira plateia; bancos individuais estofados, até ao fundo: segunda plateia; empoleirados metro e meio acima da última fila da segunda plateia, os camarotes, todos

fornados a veludo vermelho, luxo dos luxos, só ocupados quando o filme era mesmo muito popular e a afluência o exigia. Filmes como *O Fado*, *A Maluquinha de Arroios*. Cantinflas, Jerry Lewis e Trinitá também enchiam camarotes.

Alguns negros iam ao cinema. Calçavam-se e vestiam roupa europeia remendada. Sentavam-se na primeira plateia, e, eventualmente, em dias pouco frequentados, na primeira fila da segunda plateia.

Não estava escrito em lado algum que os negros não tinham acesso normal à plateia ou ao balcão, mas raramente os vi ocupar essas zonas. Havia um entendimento tácito, não um acordo: os negros sabiam que lhes cabia sentarem-se à frente, nos bancos de pau: os brancos esperavam que a pretalhada se juntasse toda à frente, a falar aquela língua lá deles, olhando para trás a cobiçar a mulher do branco, mas devidamente sentados no banco que lhes pertencia.

Para os brancos, um preto, lá da primeira plateia, nunca olhava para trás por bons motivos. Ou lançava o amarelo do olho contra-natura às brancas, ou procurava o que roubar, ou destilava ódio. De forma geral, no cinema ou fora dele, o olhar dos negros nunca foi, para os colonos, isento de culpa: olhar um branco, de frente, era provocação directa; baixar os olhos, admissão de culpa. Se um negro corria, tinha acabado de roubar; se caminhava devagar, procurava o que roubar.

Ao domingo à tarde íamos ao cinema. Eu levava um anel. Não gostava de anéis.

Os lugares da segunda plateia do Cine Machava haviam sido montados sobre um plano inclinado. Tudo o que caía rolava até à primeira plateia, e ninguém lá iria; era o lugar dos pretos. Nem valia a pena.

Eu teria sete anos. Usava aquele anel. Detestava-o.

Pensei em ver-me livre da horrível bijutaria, e ocorreu-me uma ideia infalível, que executei na primeira oportunidade. No cinema, na escuridão, a meio do filme, num momento de maior barulho, maior suspense, tirei o anel do dedo, e lancei-o, com o possível impulso, por debaixo dos cadeirões, para que rolasse, inapelavelmente, até à primeira plateia, e desaparecesse, para sempre, nas mãos dos negros, que haviam de lhe chamar um figo.

Num domingo, fi-lo, e respirei de alívio. Adeus anel. Adeus, suplício. Adeus para sempre. Havia de dizer que o tinha perdido, que me estava largo, que me tinha caído do dedo sem notar. E depois, nada a fazer. Um anel era caro. Realmente. Mas, paciência. Eu era tão distraída!

Nesse domingo comi um *Quibom* no intervalo. Estava contente. Ninguém reparou que já não tinha o anel, mesmo quando me esqueci de esconder a mão.

Nesse dia. Já terminava o intervalo, quando uma cena deveras invulgar prendeu a atenção da segunda plateia em massa: um negro tinha saído do seu lugar lá à frente, e avançava pelo corredor lateral esquerdo, perguntando algo, de fila em fila. O que queria o gajo? Andava a pedir dinheiro, de certeza. E, quando chegasse à nossa fila, ninguém lhe ia dar nada, já se sabia. Que trabalhasse. Não se dava dinheiro a negros, a menos que trabalhassem, e o que se desse, seria pouco, para não se acostumarem mal.

Quando chegou à nossa fila, pudemos distinguir-lhe, entre o polegar e o indicador direitos, um minúsculo anel dourado com uma pedra vermelha, enquanto perguntava, "Este anel é daqui?"

A minha mãe ainda guarda esse anel, lá em casa, na caixa dos ouros.

12.

Tínhamos uns mainatos que carregavam as mercearias da loja do Lousa, em caixotes de cartão. Atravessavam Lourenço Marques a pé, se preciso fosse, com eles à cabeça, às costas, não era da nossa conta. Carregassem. Já vinham a pé lá do sítio onde dormiam, que havia de ser uma palhota clandestina em qualquer lugar que não nos interessava, desde que não trouxessem pulgas nem piolhos nem parasitas dos que se enterravam na pele.

Se não tínhamos mainatos, tinha o Lousã os dele. Não precisávamos de sacos de plástico.

Mas parece que isto era só na minha família, esses cabrões, porque segundo vim a constatar, muitos anos mais tarde, os outros brancos que lá estiveram nunca praticaram o colun..., o colonis..., o coloniamismo, ou lá o que era. Eram todos bonzinhos com os pretos, pagavam-lhes bem, tratavam-nos melhor, e deixaram muitas saudades.

13.

Ernesto não ia trabalhar há três dias. Era preto e os pretos eram preguiçosos, queriam era passar o dia estendidos na esteira a beber cerveja e vinho de caju, enquanto as pretas trabalhavam na terra, plantavam amendoim ao sol, suando com os filhos às costas, ao peito, e a enxada a subir e descer para o chão. Preto era má rês. Vivia da preta. Não pensava na vida, no futuro, nos filhos. Só queria descansar, dormir, dançar, cantar, beber, comer, viver vida boa.

Era absolutamente necessário ensinar os pretos a trabalhar, para seu próprio bem. Para evoluírem através do reconhecimento do valor do trabalho. Trabalhando, poderiam ganhar dinheiro, e com o dinheiro poderiam prosperar, desde que prosperassem como negros. Poderiam deixar de ter uma palhota e construir uma casa de cimento com telhado de zinco. Poderiam calçar sapatos e mandar os filhos à escola para aprender ofícios que fossem úteis aos brancos. Havia muito a fazer pelo homem negro, cuja natureza animal deveria ser anulada - para seu bem.

De maneira que, ocasionalmente, aos sábados à tarde, o meu pai tinha de ir ao caniço procurar o Ernesto.

O caniço era para os lados de Xipamanine, ou do aeroporto, ou longe, longe. O caniço era como o labirinto do Minotauro, e o meu pai era o Minotauro que aí entrava e saía, quando lhe apetecesse, para exercer a sua justiça.

O caniço encontrava-se talhado de caminhos estreitos, recortados por entradas para aglomerados de palhotas, onde se juntavam mulheres falando, crianças chorando ou brincando, cães sarnosos dormindo, cabritos remoendo capim, pilões pilando milho, vozes altas, latas de comida fumegando sobre o carvão; basicamente, a vida. O caniço era de cana velha, já cinzenta, ou nova, cor de café com leite clarinho.

O meu pai levava-me pela mão, e eu sentia-me portátil como uma mochila leve; ia quase no ar. A terra era vermelha e havia uma poeira cor-de-rosa sobre todas as coisas. Por vezes o meu pai parava e perguntava, onde fica a casa do Ernesto tal e tal? Ah, era mais adiante, perto duma árvore grande, duma cantina velha, dum cruzamento onde estava uma palhota nova, e depois ia, ia, ia, encontrava. O meu pai perguntava, e eu ia atrás, voando sobre o solo vermelho, espreitando pelos recortes no muro de caniço atrás do qual se escondia a vida dos negros, essa vida dos que eram da minha terra, mas que não podiam ser como eu. Eram pretos. Era esse o crime. Ser preto. Depois o meu pai encontrava o lugar, é aqui que mora o Ernesto? Onde está o preguiçoso? A mulher apontava a palhota. O meu pai largava-me a mão, e entrava, enquanto eu ficava cá fora abraçada ao meu peito, no meio das galinhas, dos filhos descalços do preto, da preta, dos outros pretos todos da vizinhança que tinham visto o branco e vinham saber.

O meu pai gritava lá dentro, e aos safanões trazia-o para fora, atordoados ambos. Segunda, vais trabalhar, ouviste? Segunda, estás nas bombas às sete. Vais trabalhar para a tua mulher e para os teus filhos, cabrão preguiçoso. Queres fazer o quê da vida? Safanão. Soco. E a mulher e os filhos e o bairro todo, e eu, estávamos ali, imóveis, paralisados de medo do branco.

E eis que o branco mete uma nota na mão da negra e diz-lhe, dá de comer aos teus filhos; depois levanta-me no ar, atrás de si, presa pelo seu pulso, enquanto grita ao negro. Segunda, nas bombas, ai de ti.

E voamos ambos para fora do caniço. De todo o lado sai, assoma gente, e cães, galinhas, cabras assustadas. Já um nervoso miúdo no caniço. O branco foi lá dentro, deu porrada no Ernesto, agora vai a sair, o branco trouxe a menina, é a filha do branco.

E o homem branco que me leva pela mão voando, atravessa o caniço veloz, procura a *Bedford* estacionada lá fora, senta-se, põe o motor a trabalhar, arranca, olha para mim, então, estás cansada, queres ir beber uma Coca-Cola? Queres que te deixe provar o meu penalti? Olho-o, não respondo. Aquele homem branco não é o meu pai.



14.

Nunca tinha batido em ninguém, mas dei-lhe uma bofetada, porque ela me irritou, porque não concordou comigo, porque eu é que sabia e mandava e estava certa, porque ela tinha dito uma mentira, porque me tinha roubado uma borracha, sei lá agora por que lhe dei a maldita bofetada!

Mas dei-lha, na Escola Especial, no intervalo da manhã, encostada aos fundos da sala da 4ª classe. Uma parede branca. Era a Marília.

Foi premeditado. Tinha pensado antes, se ela voltar a irritar-me, bato-lhe. Podia perfeita e impunemente bater-lhe. Era mulata. E a rapariga comeu e continuou em pé, sem se mexer, com a mão na cara, sem nada dizer, fitando-me com um estranho olhar magoado, sem um gesto de retaliação. Disse-lhe, já levaste, e depois afastei-me para o fundo do pátio, absolutamente consciente da infâmia que tinha cometido, esse exercício de poder que não compreendia, e com que não concordava. Não por ser uma bofetada, mas porque tinha sido à Marília. A Marília era um alvo fraco. Nada podia contra mim. Queixasse-se, e depois?! Eu era branca. Quem poderia cantar vitória logo à partida?

Senti-me muito mal. Depois. A experiência tinha-me saído amarga. Bater nos mais fracos não era nada cristão. Jesus não o faria.

Não esqueci o rosto esguio e o belo cabelo crespo da bela Marília. Era mulata e não podia bater-me. Não me lembro se lhe cheguei a pedir desculpa. Acho que não.

15.

À saída da porta da cozinha, na casa da Matóla, a minha mãe plantara uma alameda de piripireiros que me chegavam à testa, lindos de frutos o ano inteiro, nos quais eu treinava a minha coragem e capacidade de resistência. Puxava os piripiris, arrancando-os aos ramos, escolhendo os mais vermelhos e inchados, e comia-os crus, mastigando-os, sofrendo o fogo da terra às primeiras tentativas, mas procurando, mais tarde, encontrar padrões de picante consoante a forma, cor ou tamanho das bagas.

Desejava tornar-me forte. Primeiro um piripiri sem caretas, dois, três, chegando aos quatro, e sem limites, até poder atingir a medalha de ouro nos jogos olímpicos da malagueta, que por acaso se realizavam amiúde, e espontaneamente, entre a miudagem da vizinhança, na unidade F do Bairro Doutor Salazar, Matóla Nova.

Quem aguentava mais? Quem aguentava sem engasgamentos e trejeitos faciais? Haveria de vencer os rapazes da vizinhança em todos os aspectos passíveis de avaliação, mas, sobretudo, haveria de ultrapassar-me. Ser forte como o meu pai. Ser forte como o meu pai desejava que fosse. E como os pretos - que comiam piri-piri sem caretas. Ou como a Helen Keller - que não comia piripiris alguns. Por isso, treinava-me duplamente a cada saída pela cozinha: primeiro, a alameda, os piripiris em crescendo degustativo; segundo, as corridas à volta da casa, porque havia que ser resistente, volta a volta, e quando aguentasse seis sem parar, rápido chegaria às sete, depois às oito, e ao céu do atletismo. Ser forte. Havia que resistir a tudo, não desistindo. Havia que ser como a Helen Keller. Como o meu pai. Como os pretos. A vida não haveria de me apanhar desprevenida. Havia de viver tudo, viver melhor e bem. Não seria uma minhoca, uma alforreca, uma amiba. Não havia de ser um pau-mandado como as outras mulheres. Eu cá não dobraria. Havia de

ser como a Helen Keller. Ou o meu pai. Nesta parte já não entravam os pretos.

Lembro-me: era preciso vencer o fogo e a dor.

16.

As camisas do meu pai eram sempre brancas.

Era sábado à tarde. A minha mãe tinha ficado de escrava ao quintal. Aos coelhos que tinham sarna. Ao transplante de nabijas para regos de terra que ela própria cavava, a negra.

Era sábado à tarde, depois do almoço cuja alquimia lhe tinha pertencido.

Era depois de me ter vestido de lavado, e ao meu pai. Como todos os dias.

Sábado à tarde de luz bronzeada nos ombros, de brisa marítima muito fácil através dos cabelos. Trinta e tal graus. O peito movia-se devagar. As narinas abriam-se e fechavam-se, lentamente. Porque era o sul. Respirava-se.

Sentada na *Bedford* branca que o meu pai conduzia na estrada da Matóla, a caminho de Lourenço Marques, uma tangerina madura abriu os gomos dentro do meu cérebro.

Uma revelação, um milagre: num segundo, sem explicação, li alto, e de uma só vez, a publicidade pintada nas laterais dos prédios, "*Singer*, a sua máquina de costura; beba *Coca-Cola*; pilhas *Tudor*; com *Lux* cabe sempre mais um; cerveja 2M, tudo o que a gente quer".

Sumarenta, a tangerina aberta, uma flor no meu cérebro, era doce; e disse ao meu pai, "sei ler". Sorriu-me, "és o meu tesouro". Não disse, pensou, "és tudo para mim".

O meu pai vestia uma camisa de algodão fino, muito branca. Lavadinha, passada a ferro com zelo pela minha mãe, apertada demais no botão da barriga, quase a esgarçar. A pele do meu pai, tostada, brilhava de brilho. E os olhos, de brilho. O sorriso do meu pai sorria sozinho.

Sem nada mais escondido. À noite chegaria a casa com a camisa negra de nódoas, porque o meu pai tocava e deixava tocar-se pelo pó, pelo carvão, pelas laranjas, por mim. Agora estava impecável. No bolso da camisa notava-se um resto de nódoa a tinta de caneta rebentada. Coisa de nada. Um milímetro. Impecável.

Essa tarde era feliz: iríamos passear no Zambí, levar-me-ia a comer iogurtes à Baixa, ou talvez fôssemos petiscar moelas ao *Sabié*. Deixar-me-ia bebericar cerveja do seu copo. Ou um penalti, um tricofaite. Soltar-me-ia a mão, e eu poderia correr, e respirar sozinha, sem cercas, um pouco - respirar fundo, respirar o ar agridoce de catinga, pólen e amendoim - porque ao lado do meu pai nenhum preto pensaria roubar-me; esse medo; ninguém iria roubar-me nem molestar-me, essa culpa de que também eu seria culpada porque o meu sorriso era demasiado puro; o meu pai estava ali, e as suas mãos eram como patas de urso; contar-me-ia histórias de quando era novo, na Metrópole; a da nuvem que desabava fortíssima sobre si, no caminho de Óbidos para as Caldas, e da qual ele fugia, correndo à mesma velocidade, e na mesma direcção, mantendo-se, afinal, debaixo dela; do que só se apercebeu quando parou de pulmões rebentados, e a nuvem o ultrapassou. A memória dele. Não, a minha. As suas histórias ridículas, para que eu me risse, e involuntariamente soubesse que é doce ser ridículo, ser só uma pessoa ridícula, ser uma pedra, um pão acabado de cozer. Ser nobremente ridícula.

Disse-lhe, "pai, já sei ler", e encostei a cabeça para trás, pousando-a na almofada do assento, com os olhos fechados, enquanto absorvia a maresia que vinha da direita, dos sapais ao lado da *Sonefe*. Os meus músculos, sempre tensos, afrouxaram. Agora já não era a guerra em mim, e podia descansar; as regras de leitura fizeram sentido num ápice, só porque a tangerina teimosa decidira abrir-se por inteiro no meu cérebro, como um polvo que estende os tentáculos. Ali, dentro do carro, a caminho de Lourenço Marques, perto da *Sonefe*, como a primeira menstruação.

Sabia ler. Tinha sido difícil. Mas agora, este milagre. Tão rápido. Sabia ler. Abri de novo os olhos, para confirmar, e li, como se não tivesse feito outra coisa toda a vida, "cigarros LM *long size*, a vida

moderna para o homem moderno". Não percebia como tinha acontecido, mas sabia ler.

Esse milagre de ler, essa magia tão rápida no meu cérebro, como se alguém movesse uma varinha à distância ou soletrasse palavras misteriosas, desfeitiçaram-me.

A partir dessa tarde de sábado, embora a minha prisão física não se alterasse, e os muros e as grades de ferro continuassem altos à minha volta, em todos os lugares, tornei-me mais livre.

As frases podiam roubar-me a qualquer lugar, levar-me para dentro de mentes diversas, e escutar o que pensavam e não diziam; as mentes dos bons e os maus e os mais ou menos, que eram a maior parte; sentar-me em navios perdidos, pairar sobre vulcões e dormir em jardins de rosas e sombras suavemente lilases.

Foi quando, devagar, comecei a tornar-me a pior inimiga do meu pai. A inimiga lá dentro, calada. Que vê, e escuta e nem pediu autorização. Foi quando comecei a tornar-me a toupeira.

Só muitos anos mais tarde, muitos, muitos, compreendi que saber ler, o acesso a essa chave para descodificação do segredo, me transformara, contra todas as vontades, na toupeira que lhes havia de roer todas as raízes, devagar, uma de cada vez, até restar pó.

O meu pai tinha a camisa branca e eu, o seu tesouro, a sua vida, sujei-lha de terra para sempre.

17.

No Marcelismo, os navios acostavam cheios, todas as semanas. Os colonos chegavam misturados com as tropas e ficavam por ali, alugavam casa, instalavam-se, punham os filhos no liceu, na escola comercial ou industrial, arranjavam um mainato recomendado, ou arriscavam um que lhe fosse bater à porta; poucos compravam uma cantina, perto ou longe, a quinhentos ou seiscentos quilómetros da capital, e vendiam carvão, petróleo, farinha, peixe seco e cerveja aos pretos que saíam do mato e não falavam português. Aprendiam a falar todos os dialectos, eram intermediários em negócios, safavam-se irem. A maior parte ficava pela urbe.

As tropas iam para o Norte e arranjavam, através dos programas de rádio, madrinhas de guerra a quem enviar aerogramas. Eu desejava ser madrinha de guerra. Se já tivesse 15 anos... As madrinhas de guerra eram uma espécie de namoradas via postal, portanto, sem beijos na boca, e eu gostava de ouvir os programas em que se enviavam mensagens, "Maria Albertina Santos, madrinha do furriel Diamantino Russo, colocado em Nova Viseu, na companhia 3470, envia cumprimentos seus e da família, e faz votos pelo seu breve regresso com saúde e boa disposição".

Sabíamos tanto sobre o que faziam os tropas como sobre a política do país. Sabíamos nada.

Não descrevo uma terra ignorando que nela existia uma guerra. Havia uma guerra, mas não era visível a Sul; não sabíamos como tinha começado, ou para que servia exactamente. Pelo menos, até ao 25 de Abril, não se falou disso na minha presença. Nem se evitou falar.

Havia guerra porque havia turras. Havia turras porque a natureza humana era maldosa e insatisfeita. A maldade existia em todo o lado e restava-nos lutar contra ela.

A guerra era no Norte, mas não tomávamos consciência da sua gravidade, não se falava em soldados dos nossos que tivessem sido mortos, não existia para nós esse vocabulário que agora conhecemos, como emboscadas, guerrilha, mina disto e daquilo. Achávamos que estavam lá pelos quartéis a cumprir a tropa, a fazer umas acções de propaganda. A dar uns encostos nos negros que não se portassem bem, o que era normal. Ou a limpar-lhes o sebo, se fossem teimosos e não obedecessem, o que era pouco provável. Era isso que o meu primo devia andar a fazer no Norte; a dar uns encostos aos negros.

O Norte era muito distante. Era lá em cima na terra dos macuas e dos macondes. Os turras, todos ladrões, queriam roubar a terra aos portugueses. Vinham da Tanzânia com a pele muito preta e maldosa. Era preciso defender a nossa terra, por isso é que chegavam os soldados de Portugal. Também havia soldados pretos. Esses, faziam-nos comandos, para irem à frente e morrerem primeiro; assim se poupava um branco. Que os pretos morressem na guerra era mal menor. Era lá entre eles.

18.

O meu primo nasceu em Lourenço Marques e nunca pronunciou as três sílabas muito difíceis da palavra Maputo. Ma-pu-to. As cinco de Lourenço Marques fluíam líquidas. Muito brancas.

Maputo era nome de preto. Um preto, uma zona selvagem, um rio podiam chamar-se Maputo, Incomati, Limpopo, Zambeze. Uma vila de pretos podia chamar-se Marracuene, Inhaca, Infulene, Xipamanine. Uma cidade de brancos, não. Tinha de ser Lourenço Marques, Beira, Mocímboa da Praia.

Xai-Xai era de preto. Ponta do Ouro era de branco. Nenhum branco que tenha saído de Lourenço Marques se habituou a chamar-lhe... outro nome qualquer. Como geleira. Um branco ainda hoje pensa geleira, e emenda, em milésimos de segundo, para frigorífico. Pensa galinha, corrige para frango. Pensa Lourenço Marques e diz, com gozo, com desforra, como se manter um nome fosse manter o que designa, Lourenço Marques. Diz muito longamente e saboreia as sílabas todas. Lou-ren-ço-Mar-ques.

A vida, em Lourenço Marques, era serena, morna, sibilada, muito fluida como o seu nome.

O meu primo quando conseguiu sair em segurança do Maputo, olhou para trás, na estrada do aeroporto, e disse, "nunca mais regressarei a Lourenço Marques". Cumpriu-se.

19.

Depois enterrámos-lhe a faca de mato, o revólver e a farda. Tinha estado no Massa com autorização para matar pretos, e tudo aquilo cheirava a sangue, e cheirou durante muitos anos, mesmo enterrado no chão fértil, incerto da Matóla, até se oferecer um tiro nos miolos, já em Xabregas, após ter queimado todas as veias, assaltado ourivesarias na Almirante Reis e assassinado negros a tiro, pelas costas, na Damaia.

Para além disso, foi meu primo direito.

Nas ex-colónias era fácil morrer. Estava-se vivo, morria-se. Havia acidentes de caça, acidentes no mato, acidentes de trabalho, acidentes rodoviários, acidentes. Cortavam-se dedos e saravam-se a seguir, lavados com água fria. A carne crescia no mesmo lugar. Se não saravam, amputava-se o braço ou morria-se de septicemia. Era fácil.

A vida de um preto valia o preço da sua utilidade. A vida de um branco valia mais, muito mais, não que valesse grande coisa. A vida de um "bife" da África do Sul, dos que vinham com chapéu de mexicano apanhar sol na Polana, isso sim, era vida. Esses, sim, sabiam lidar com pretos, mantê-los com rédea bem curta.

Matar um preto, no Marcelismo, começava a ser chato; a polícia, se descobrisse, vinha fazer perguntas. "Então, ó Rebelo, não viu o peão, e matou-o?"

"Eu não, agente Pacheco, era noite, não havia luzes na picada, o gajo ia bêbado, e atirou-se-me para cima da carrinha, o que é que você queria que eu fizesse?!"

"Que parasse, homem, que prestasse assistência ao preto!"

"Pensei que só lhe tivesse dado uma pancada, que o gajo acordasse dali a umas horas com a bebedeira curada... seguia caminho prá palhota e nunca mais se lembrava disso. É pretalhada. Bebem até cair, e depois lixam-nos a vida."

"Vou fechar os olhos desta vez, mas veja se não se repete, ó Rebelo, que agora temos ordens da metrópole..."

Matar um preto, a partir de certa altura, começou a dar chatice.

20.

No Maputo, após a independência, e mesmo antes, certos militares desmobilizados do exército português que não regressaram à pátria, por serem moçambicanos, negros ou brancos, foram perseguidos e assassinados. Dizia-se, entre brancos, que era a FRELIMO em vingança de guerra. Havia comités de bairro; formavam-se comissões, ia-se a casa. Revistava-se. Tudo era possível nesse tempo sem lei.

Morrer sempre foi fácil naquela terra, antes ou depois.

O meu primo tinha sido educado no mais profundo desprezo pelo negro. Quando fez 19 anos, e o mandaram para o Massa, partiu contente. Ia lutar pela califórnia portuguesa.

Descia a Lourenço Marques de nove em nove meses, mas já não era o mesmo. Deixou crescer a barba. Era a guerra, e o meu primo nunca falou da guerra. Ninguém falava da guerra. Suponho que não se fale da guerra, nunca.

"Então, são tesos, os gajos, lá no Norte?" Ele sorria, não respondia. "Mas vocês limpam-lhes o sebo, hein? Eles ainda vão ver quem fica com isto." O meu primo falava pouco e evitava a roda social. Fechava-se no quarto a fumar, e calou-se para sempre. Mesmo que tenha dito uma ou outra coisa depois disso, "sim, não, talvez, não sei", nunca mais falou. Tinha vergonha, o meu primo. Olhava-me com uns olhos vivos, e tinha vergonha de mim.

Era um homem moreno e bonito. Eu tinha 10 anos muito em fogo, amava-o em segredo, e embora não soubesse o que era o sexo, sonhava viver com ele intensas aventuras eróticas. Espreitava-o no seu quarto, que mantinha sempre em meia-luz, onde se refugiava fumando muito. Não sabia o que dizer-me. Tinha vergonha de mim. Eu fechava os olhos e fantasiava que nos amarravam, abraçados um ao outro, lançando-nos a

uma piscina incendiada, e que a intensidade do que era realizado, essa violência, nos queimava de prazer. O meu primo acordou o meu primeiro, estranho desejo, e, uns a anos mais tarde, matou-se.



21.

O meu pai conversava na rua com outros homens. Eu rodopiava à sua volta, como sempre, escutando o ruído distante das conversas.

Era o dia da minha primeira menstruação. Usava um vestido de popelina branca, curto, liso, cintado, e meias de renda dentro de sapatos rasos, de verniz. Tudo era branco, porque me vestiam sempre de branco, como um cordeiro que há-de sacrificar-se.

Tinha uns sapatos largos, abriam boca, e tropecei nas escadas, deixando ver, ao fundo, as cuecas manchadas de sangue. Sabia que estavam encharcadas, que não tinha posto um pano, e morri de vergonha lenta, supondo que todos aqueles homens tinham visto o meu sangue. Entre eles, o meu primo muito jovem, muito bonito, com o qual sonhava secretamente; e ele tinha visto as minhas cuecas sujas de sangue.

Graças a esta embaraçosa memória posso datar a minha primeira menstruação.

Era, então. Janeiro. Era o dia da minha primeira menstruação. Fazia 11 anos, e regressaríamos de casa de alguém, onde teria escutado conversas de adultos durante horas a fio. Barulho que nada me dizia. "Sim, estou a ouvir". Que sim, que estava a ouvir, dizia-lhes. Sim, ouvia. Pensava. Olhava. Observava os animais, os bibelots, as lombadas dos livros da Biblioteca Básica Breve, os mainatos que raspavam o chão, e depois o lavavam com aguarrás, e lhe passavam a cera, e puxavam o brilho com metade de um coco, e um esfregão de lã, até espelhar. Fascinavam-me esses homens enormes, luzidios de negros, vergados no chão, limpando o que sujávamos, servindo-nos iguarias do mar cujas cascas talvez pudessem chupar, e lambe os dedos, enquanto lavavam a loiça. E eram tão iguais a mim. Tinham mãe, pai, primos... Os olhos eram tão espertos como os meus. Sorriam-me. Falavam-me, quando os patrões não estavam perto.

Eu gostava de conversar com os mainatos. Os mainatos tratavam-me bem, carregavam-me às cavalitas. A minha mãe tinha medo que os mainatos me fizessem mal ou me roubassem. Ou desconfiava de mim, adivinhando a minha alma de preta.

22.

Soube do 25 de Abril a 26. Contaram ao meu pai, ao final da tarde, estando nós na praceta projectada à avenida Latino Coelho, em Lourenço Marques. Sei que estávamos na praceta projectada à avenida Latino Coelho, porque estou a ver o cenário dos prédios, os homens em círculo nas suas balalaicas azuis, cinzentas, castanhas-claras, trocando opiniões; e eu, vagueando entre eles e o lancil, no qual me ia equilibrando como entretenimento, enquanto os escutava. Por momentos agarrava a mão do meu pai, rodopiando á sua volta, puxando-lhe os braços. Ele animava-se na conversa com os outros homens, e eu escutava, desinteressadamente, o barulho desequilibrado das vozes, e as emoções que continham. Ouvia de longe. Não ouvia. Só o meu pai me interessava.

Vestia calções de caqui e calçava chinelos de borracha de enfiar nos dedos, comprados nos chinás da baixa. Estava calor. Era final de tarde, e crescia já essa sombra húmida, e o cheiro das árvores e da terra, cansadas de luz; mas o dia não tinha sido tão quente.

A minha mãe tinha subido para preparar o jantar.

Mas é estranho, porque só fomos morar para a praceta projectada à Latino Coelho após os massacres de 7 de Setembro desse ano. Talvez tivéssemos ido visitar alguém. Talvez o meu padrinho Joaquim, o maluco, que tinha aí construído uns prédios, quer dizer, os pretos do meu padrinho Joaquim tinham aí construído uns prédios, porque o meu padrinho não percebia nada de construção, embora soubesse dar ordens, e gritar que queria tudo pronto no dia seguinte, e que depois vinha aí o canalizador e o electricista... E também devia saber dar ordens ao canalizador e ao electricista, porque o meu padrinho era essencialmente poeta e suicida, explorador de mulheres e mentiroso. E espirita. Tinha

uns zumbidos nos ouvidos e via coisas estranhas. O homem seria clarividente, construtor não, isso garanto.

Lembro-me de uma outra conversa sobre o 25 de Abril, também ao final da tarde, na Baixa, do lado esquerdo do edifício do bazar, e cá fora. Um grupo de homens, como sempre, eu a única rapariga, apenas porque acompanhava o meu pai, e participava como testemunha irrelevante nos seus actos públicos. Era a filha do electricista. Está crescida a tua filha. Andas em que classe? E pouco mais. Ouvia.

A conversa da praceta projectada à Latino Coelho decorreu ao pôr-do-sol, mas não tão tarde. A luz era mais branca. Nesta, a luz caía mais ténue, mais alaranjada. Era a luz laranja do Índico, da mesma cor da terra do Zambí, da Costa do Sol, da Ponta Vermelha, que não é vermelha, é laranja forte como açafreão escuro.

Qual dos cenários é o real? A conversa sobre o 25 de Abril teve lugar lá em cima, no Alto-Maé, ou na Baixa? Foi a mesma conversa? Foram conversas diferentes sobre o mesmo assunto? Prefiro o segundo cenário. Talvez as duas tenham acontecido. A coerência temporal, a uma grande distância, perde-se. "Foi assim", "tenho cá esta ideia". Uma coisa é certa: aconteceu.

Tinha acontecido uma revolução na Metrópole. No dia anterior registara-se grande confusão: Marcelo Caetano fugira para o Brasil, o país estava sem governo, havia tropa na rua; era a república das bananas; e como seria nas colónias? Sim, tinha havido confusão, e depois?! O Governo tinha mudado de mãos, e bem, que os que lá estavam roubavam-nos todos os dias. Tinham sido os militares. Era bom para nós?! Iam dar a independência às colónias? Ah, finalmente, África ia ser nossa! Finalmente, íamos deixar de pagar imposto aos cabrões da Metrópole! Agora, poderíamos prosperar e fazer da nossa terra uma Califórnia. Era isso que a nossa terra ia ser: a Califórnia. Califórnia, mas como na África de Sul. Com os pretos debaixo da mão, controlados, ou não faziam nenhum. O 25 de Abril ia entregar África aos brancos, e depois íamos ser felizes.

23.

As cabeças dos brancos roladas no campo da bola iam perdendo o rosto, a pele, os olhos e os miolos, e o que restava da carne amolgada e dos maxilares partidos.

A negralhada remendava as bolas com trapos já engomados de sangue seco, rasgados aos cadáveres, e assim sustinham a estrutura que se desfazia a cada pontapé, até já não restar senão uma mão cheia de ossos moídos, moles, que depois se chutavam para o mato, atrás do caniço. E vinha outra cabeça putrefacta, até amolecer. Era fim-da-tarde. Anoitecia rapidamente.

Transmitiram-me o recado no caminho até ao aeroporto, passada a picada de areia alta que vinha das entranhas da Matóla, e se fazia a 90 à hora até chegar ao alcatrão. Repetiram-mo. "Não te esqueças de contar."

À passagem da carrinha formava-se, ao lado, e para atrás, para os que haviam de vir, uma nuvem de poeira encarniçada que se entranhava nas texturas do corpo e da roupa que se vestia. E secava a garganta, as narinas, os olhos.

"....agora, lá, são muito amiguinhos dos pretos, mas tu vais explicar-lhes que isto não é como eles pensam. Defendem-nos, mas ninguém fala do que nos fazem os pretinhos... Contas tim-tim por tim-tim os massacres de Setembro. Contas tudo o que nos aconteceu. E à Candinha..."

No 7 de Setembro o meu pai chegou eufórico. As coisas iam voltar a ser o que eram. "Isto vai voltar a ser nosso; está tudo no Rádio Clube, ocuparam aquilo, os negros estão lixados, estão a contas. Ainda vamos ganhar isto."

Eu sorri. O que significaria "ganhar isto"?

Deixava-me ir. Deixava-me tanto. Não interessava nesse momento. Os dias eram tão lentos e bons... Se ganhássemos, quem ganharia,

exactamente? O que era ganhar? O meu pai estava feliz. Eu estava feliz.

Sorria porque era dele. Sabia quem ele era. Sabia uma parte. Sorria porque já sabendo quem ele era, eu era dele, ainda.

Arrancou-me do chão e levou-me a pé até ao Rádio Clube, às cavalitas.

Havia uma multidão branca frente ao edifício. Homens, sobretudo. Também esposas. Mal vislumbrei o edifício, de uma das esquinas, a da direita. Sei que era a da direita, porque estou a ver essa nesga, sei que estou ligeiramente inclinada para conseguir alcançá-la.

Apenas um edifício, o mesmo Rádio Clube de sempre, onde se realizavam as emissões de variedades que escutávamos à noite.

Mas para o meu pai, e todos aqueles brancos, naquele momento, o edifício do Rádio Clube era símbolo de uma esperança, e todos aí se concentravam ansiosos, como se adorassem o deus político de um templo pagão. Era uma esperança invisível, mas forte, como é a esperança, tornada ali pedra sólida, portanto, palpável. Algo material.

Escutava-se um ruído nervoso.

O ar do fim da tarde fervia de energia de macho, de desejo, de medo. Barulho vão, descargas de voz desafinada, mas em fundo, nos peitos, um enorme silêncio que treme, que devora, uma fome castigada que não sobreviverá ao riscar de um fósforo.

Tudo o que sei sobre o 7 de Setembro de 1974 é isto os brancos estavam a ganhar aos pretos, talvez já não houvesse a tal independência de que se falava, e que os brancos tanto temiam. Mais nada.

24.

Descemos os dois de mão dada até à Baixa, para petiscar era qualquer sítio, falando sempre. Talvez moelas, pipis, amêijoas. Um prego. Para o meu pai, uma bebida de álcool cortado a refrigerante; para mim, um refrigerante cortado com a bebida cortada do meu pai.

Ele era fácil demais para mim. Muito fácil para mim. Sem me ensinar, o meu pai iniciava-me no prazer que já havia despontado com o estranho fogo do meu padrinho. Eu gostava da sua presença, de passear com ele a pé, por onde quer que fosse, de mão dada. Não falava comigo sobre responsabilidades, não me penteava nem endireitava a gola do vestido, como a minha mãe, mas dirigia-se-me como a uma adulta. Falávamos do que o dia trazia e levava. E ele era livre comigo, aquela coisa sua, parte de si, igual a si.

Era muito grande e muito poderoso como um rei-gigante, e a sua presença protegia-me de todos os medos irracionais. Acho que nunca fui tão feliz como nesses momentos em que me pegava pela mão e caminhava comigo pelas ruas de Lourenço Marques, até ao Scala, até depois do Scala, vendo montras, pessoas, sentindo cheiros vindos de todo o lado, ao entardecer, enquanto as luzes das avenidas e dos néons se iam acendendo. E ele explicava-me, "agora ligaram-nas na subestação do..." Todos os meus sentidos despertavam nesses fins-de-tarde.

Sentia-me uma pessoa. Sentia-me uma mulher. A sua alma-gémea.

Não houve nenhum homem capaz de me resgatar como ele, de me quebrar, de me dar vida só por existir.

Só por estar ali, sorrir-me, dar-me valor. Dar-me a mão. Pegar em mim. Escutar-me. Esse pai a quem traí.

Na descida até à Baixa, nesse dia, perguntou-me o que queria ser. Dactilógrafa, talvez, respondi. Gostava de máquinas de escrever. O meu pai explicou-me que isso não garantia a sobrevivência. Que poderia ser

engenheira agrónoma. Que se ganhava bom dinheiro; Moçambique era uma terra fértil onde crescia o que se plantasse, e iria precisar de engenheiros agrónomos no futuro.

O que era engenharia agrónoma?

Para o meu pai, o mais importante era a minha autonomia. Tinha de pensar em garantir a minha independência. Ter meios de sobrevivência sem depender de um homem.

Esta conversa é muito clara para mim. Travou-a comigo junto ao jardim Vasco da Gama. "Tens de ter uma profissão que te permita viver a tua vida, com os teus filhos, ou não, sem depender de nenhum homem! Sem estares às custas de ninguém. Tens de ser dona da tua vida. Tens de ser livre. Compreendes?"

"Compreendo."

"Para isso tens de estudar, tens de ir para a universidade!"

"Sim. Eu vou."

25.

Após o 25 de Abril já se ouvia falar livremente sobre a guerra. Até porque os turras entraram pela cidade dentro e foi necessário explicar de onde vinham, quem eram esses invasores cheios de poder.

Percebi que os colonos desejavam a independência, ruas sob poder branco. Eventualmente, partilha de funções administrativas com um ou outro mulato educado, maleável. A FRELIMO era indesejada. Aquela terra, diziam, não seria para os negros nem para a metrópole, mas para os brancos que ali viviam. Seria uma independência branca; pretendia-se erguer ali uma África do Sul-califórnia-portuguesa.

Ainda hoje os vejo envolvidos na mesma nostalgia. "A independência foi mal feita, e os culpados foram o Mário Soares e o Almeida Santos, que nos venderam e entregaram tudo aos pretos". Eu traduzo, "aquilo que entregaram aos pretos deviam tê-lo entregue a nós, que logo tratávamos da negralhada". Quando revelam, com lágrimas sinceras, "deixei o meu coração em África", eu traduzo, "deixei lá tudo, e tinha uma vida tão boa".

O meu pai, na véspera de morrer, sonhou que andava a fazer uma instalação no Sommershield, e que eu tinha ido com ele na carrinha; depois fomos petiscar ao Sabié, uns pregos; Coca-Cola, eu; ele, um tricofaite. Estou a ver o meu pai a sorrir. "Gostas?" Sorrio. "Gosto".

Precisamos de tempo para compreender. Para matar. Para poder olhá-los de novo na cara com o mesmo amor. Para perdoar.

26.

Nessa outra vida distante tive um gato chamado Bolinhas. Periodicamente, fugia pela janela da cozinha, e desaparecia durante semanas. Regressava magro, sujo, em sangue, sem uma orelha, falta de unhas, com o rabo cortado, chamuscado e zarolho. Miava à janela por onde tinha saído, abríamo-la, e entrava lento e moribundo, perante a nossa incredulidade. Demorava a recompor-se. Quando ia, nunca dávamos pela partida, nem sabíamos se regressaria. Nunca soubemos, e foi assim durante anos.

Também havia o Gimbrinhas que o meu pai um dia trouxera do mato, dizendo, cuidado, é selvagem. O Gimbrinhas era enorme, tigrado, e nunca se afastava. Estirava-se ao longo da secretária do meu pai, sobre a papelada das empreitadas. O meu pai não o retirava; dizia-lhe, no máximo, com orgulho de macho para macho, chega-te para lá, e o Gimbrinhas chegava-se, continuando a sua função de espírito maior da casa. Se o Gimbrinhas era selvagem?! Era um bocado. Deu-me umas unhas na cara só porque queria beijar-lhe o nariz. Não estava para aturar crianças. Era um gato muito nobre, muito senhor. Eu tinha-lhe respeito e preferia agarrar-me ao doce Bolinhas, que não era tigrado nem selvagem nem tinha vindo do mato nem se via nele qualquer *pedigree*.

Depois veio a guerra, ou seja, a FRELIMO, e os gatos ficaram abandonados em Lourenço Marques. Nunca consegui entender que tivessem deixado ficar para trás o Bolinhas e o Gimbrinhas. Não me serviu a desculpa de que os haviam depositado em casa de alguém, tendo daí fugido. Que não podiam transportar os gatos para outro lugar. Que os gatos tinham de ficar. Não acredito que tenham fugido. Disseram que os pretos os comeram. Os gatos e os cães que os brancos deixaram para trás, não os contentores com a mobília de pau-preto nem os

cinzeiros de pé alto, em pau-rosa, ou os dentes em marfim, foram todos comidos pelos pretos e pelos chinas e pelos monhés.

Nesse tempo não se saía vivo de sítio nenhum. Havia a ilusão da vida na metrópole; de começar tudo de novo, escapar ao caos, ao morticínio. Depressa se desiludiam os iludidos, marcados pelo desenraizamento.

De todos os morticínios daqueles dias, o que mais me tocou foi o dos animais domésticos, por serem os únicos inocentes em tão complexo jogo de poder.

27.

Diziam que eu já era uma mulher.

Ao meio, na *Bedford*, entre ambos. O carro ia depressa. Estávamos atrasados.

Já não falavam.

Atravessava os lugares conhecidos, e sabia que era a última vez. Olhava com indiferença as árvores grandes, coloridas, as sombras, a luz de amoníaco da tarde, as esquinas sujas, o caniço pardo dos dois lados da estrada do aeroporto. Não valia a pena fixar uma imagem. Tudo se extinguiria depressa. Não voltaria a esse lugar, que sendo a minha terra, não me pertencia.

A minha terra nunca veio, depois disso, a ser um metro de chão preciso - um talhão do qual se pudesse dizer "pertença aqui". Ou, "vêm aquela janela no 4º andar, foi ali"; "onde está agora aquele prédio, a minha mãe..."

A minha terra havia de ser uma história, uma língua, uma ideia miscigenada de qualquer coisa de cultura e memória, um não pertencer a nada nem a ninguém por muito tempo, e ao mesmo tempo poder ser tudo, e de todos, se me quisessem, para que merecesse ser amada; quanto custava o amor?

O meu corpo tornou-se devagar a minha terra. Materializei-me nela, e todos os dias voltava ao anoitecer à minha terra, e dela saía de manhã.

Quando parámos no aeroporto, o recado de que era portadora já me tinha sido repetido inúmeras vezes.

O recado era importante: a pretalhada, nesses dias, matava a esmo; prendia, humilhava aleatoriamente. Sentíamos-nos moribundos de vida; já nem se falava de poder. Tínhamos medo. E isto era a verdade. A verdade do fim.

A vida de um branco em Lourenço Marques tinha-se tornado um jogo de sorte ou azar.

Joguei esse jogo, sem perdas de maior, umas semanas antes da partida, enquanto esperava a boleia do meu pai, numa das esquinas da 24 de Julho: a da Escola Especial. Era um lugar com muita sombra, muito fresco, essa esquina.

Vestia umas calças castanhas de tecido de licra, compradas na África do Sul.

Um jovem negro que se deslocava rápido na minha direcção, sem qualquer intenção aparente, ao aproximar-se, abraçou-me com a esquerda, esmagou o meu corpo contra si, arrebanhando com a mão direita o meu monte de Vénus, apertando-o com força, como espremeria um caju para sumo. Olhou-me nos olhos, muito perto, sem temor, sem culpa. Largou-me sem palavra, e continuou rápido, sem se voltar.

Permaneci na mesma posição, paralisada, muda, com os olhos abertíssimos. Minúsculos pontos brilhantes rebentando ao redor de mim. Não procurei ninguém. Não vi ninguém. Não sei se alguém me viu. Não sei se havia gente na rua.

Não sei se o meu pai chegou logo, se demorou. Quando chegou, subi silenciosamente para a carrinha, e ele levou-me aonde tinha de me levar. Nunca lhe contei isto, nem à minha mãe. Tinha de poupá-los. Evitar chatices. Podia ser um rastilho. Com o meu pai nunca se sabia. Era necessário evitar que ele se metesse em sarilhos naquela época.

O tempo dos brancos tinha acabado.

Um acontecimento como o que acabei de descrever, em pleno dia, no meio da cidade, no tempo dos brancos, nunca sucederia. A acontecer, garantiria a este jovem linchamento sumário em poucas horas. Haveriam de encontrá-lo. Morreria ele, ou outro parecido, mas haveria morte.

Ele sabia-o. Agora, nada o poderia atingir. Porque o sabia, ousara fazê-lo, olhando-me simultaneamente nos olhos, com vitória. Tudo era possível nesses dias. Mas, sobretudo, tinha chegado o seu tempo, coincidindo com o fim do meu. Eu era ali a figura da terra vencida que pode saquear-se.

"Os negros mataram, à catanada, o marido e os filhos da Conceição, no Infulene; lembra-te disto, desmembraram-no todo, estava espalhado no milheiral... foi o teu pai que lhe encontrou os bocados...! "

Já és uma mulher, tens de lhes contar o que fizeram à Candinha do Jaquim, com o pau... que a usaram todos, e depois lho espetaram por baixo até lhe sair à garganta, até morrer como Cristo."

Mas na metrópole não conheciam a catana. Seria necessário descrever as características e potencialidades dessa arma. Só depois contar.

Largas como as de talho, a maior parte, mas mais longas, com lâminas largas, ligeiramente curvadas, ou não, dependendo do tipo de fabrico; pesadas, afiadas, cortando granito. Abriam mato, capavam, esventravam, decepavam, trinchavam.

As catanas eram dóceis às mãos dos negros. E frias. Lavavam-nas cuidadosamente com saliva, lambendo-as, e limpavam-nas à camisola suja. Uma catana valia ouro e tinha vida própria. O seu espírito. Havia um espírito em cada lâmina.

Uma catana podia transformar qualquer corpo vivo numa massa aleatória e informe de órgãos. Em segundos.

Era um instrumento de morte e poder como nenhum outro. Não tive medo de armas de fogo, porque a morte estava escondida dentro delas. Mas uma catana trazia as entranhas descobertas, brilhava, tinha manchas que nunca saíam. Uma catana era a carantonha gozona da morte, com os lábios pintados de vermelho.

Nos dias que se seguiram ao 7 de Setembro a negralhada perdeu o freio, e na Machava, no Infulene, na Matóla, na Malhangalene, e em todo o lado, chacinou, cega, tudo o que era branco: os machambeiros e família, os gatos, cães, galinhas, periquitos, vacas brancas, e deixaram-nos agonizando sobre a terra, empapando sangue; salvavam-se as galinhas cafreais de pescoço pelado. E os gatos pretos.

"Quando os viste jogar à bola com as cabeças, na estrada do Jardim Zoológico... contas tudo... tudo o que roubaram, saquearam, partiram, queimaram, ocuparam. Os carros, as casas. As plantações, o gado. Tudo no chão a apodrecer. Tu vais contar. Que nos provocam todos os dias, e não podemos responder ou levam-nos ao comité; que nos postos de controle nos insultam, nos humilham, nos cospem em cima; que não nos

deixam ir à igreja; que prenderam o padre e o pastor adventista por recusarem parar o culto.

Que nunca sabemos se regressamos a casa. Que depende da vontade deles. Julgam-se reis disto, que é deles, que mandam. Como se eles tivessem feito esta cidade, tudo o que aqui está. Tudo isto que é nosso.

Conta que prendem, torturam, matam sem olhar a quem; que não há comida, que tudo o que chega da ajuda internacional é para os grandes da FRELIMO, que não chega às lojas. Conta quantas horas estás na bicha do pão para chegares de saco vazio.

Diz-lhes que tudo o que lá ouvem nas notícias é mentira, que o Almeida Santos e o Mário Soares são uns cães que nos estão a vender por meio tostão. Que ponham o Spínola. Esse tem pulso. É teso. Tragam-nos o Spínola.

Diz que não conseguimos vistos para a África do Sul, nem para a Rodésia. Que tentámos tudo. Que havemos de regressar; temos de arranjar espaço num navio para meter a mobília, e só com cunha.

Diz à tua avó... umas caixas grandes, pelo correio... a ver se não chegam com tudo partido. O pau-preto, que lá valerá dinheiro. E as moedas de prata, o peso delas em prata. Ela que aconchegue essas coisas onde houver espaço. Os teus livros da Anita. A ventoinha grande. O candeeiro de secretária do pai. A máquina de escrever. As jarras de porcelana do Raul da Bernarda que trouxe no meu enxoval. O serviço de chá. A cabeça da máquina. Papéis, fotografias, o teu diploma da primeira comunhão. O serviço de chá chinês."



28.

No 7 de Setembro, o Domingos escapou-se à catana por um pescoço negro, e fugiu com a mulher e a filha para a cidade.

O Domingos criava porcos e galinhas no Vale do Infulene. Quer dizer, os pretos do Domingos criavam-lhe os porcos e as galinhas, enquanto ele fornicava a viúva do outro lado da estrada.

A machamba ainda lá deve estar, à beira da velha estrada do Infulene, amurada de caniço dos dois lados, à direita de quem vem do Maputo em direcção à Matóla, no cruzamento com a picada de areia que ia dar às terras do Cândido.

O Domingos não tinha luz eléctrica, porque não fora criado com ela na Metrópole, portanto, não precisava. Por isso, a sua casa, à noite, enchia-se da luz mortiça dos candeeiros de petróleo, que tremeluziam através das redes mosquiteiras nas janelas todas abertas. À noite, no Infulene, não se respirava, porque os mosquitos colavam-se às paredes da traqueia e da laringe.

As paredes dos Domingos, lembro-me bem, estavam pintadas, de cima-abaixo, com uma cor rubra, seca, de mosquito esborrachado há muito tempo. Como se fosse um papel de parede com arabescos. Foi-se fazendo essa pintura, com os anos. Era normal, nas casas dos colonos, sobretudo fora da cidade. E o Infulene era um pântano.

Não havia nada para fazer, no Infulene, à noite. Eu gostava de ficar por lá a dormir com a filha do Domingos, que era a minha maior amiga. Ouvíamos concursos na rádio, ou música no gira-discos. Líamos Sarah Beirão. Mentira. Ela contava-me a história, excepto o fim, e depois, sim, ela emprestava-me Sarah Beirão. Falávamos de rapazes. Ela falava. E ríamos.

A Domingas era mais velha que eu. Tomávamos banho de imersão juntas. Eu achava-a grande, e bonita, porque já tinha mamas e pêlos púbicos, mas na verdade ela era apenas grande.

A Domingas foi quem me masturbou pela primeira vez. Logo pela manhã, com a banheira cheia de água morna, estendeu a sua perna entre as minhas, e procurou, com o pé, a entrada da minha vulva, que esfregou devagar, fitando-me trocista e rindo-se. Sabia-a toda. E eu fitei-a, e ri-me, e deixei-me ficar a olhar para ela, rindo e gozando, igualmente.

Quis tomar banho com a Domingas a vida inteira, mas depois veio o 7 de Setembro, os revoltados partiram a banheira, e tivemos de negar-nos esses prazeres tão higiénicos e marginais.

No 7 de Setembro, o Domingos salvou a mulher e a filha, mais nada. A casa do Infulene foi arrombada, saqueada, queimada, o gado levado ou morto. Os negros do Domingos estavam fartos de carregar sacas de farinha e milho e farelo que nunca eram para eles. O Domingos teve sorte, porque o Cândido, o da machamba ao fundo da picada, que, como ele, criava porcos e galinhas, foi assassinado à catanada, bem como os filhos, mais tudo o que era branco e mexia: cães, gatos e periquitos. Os corpos foram retalhados e espalhados pela machamba; nenhuma cabeça ficou perto de nenhuma perna. A mulher do Cândido, que nessa noite ficara na cidade, foi depois ver o que sobrava. Como sobrou nada, a não ser os cepos brancos em putrefacção, pediu aos homens da FRELIMO que lhe abrissem uma cova no chão, onde enterrar o colectivo de homem e filhos e animais, todos irreconhecíveis. Não interessava quem era quem. A vida tinha de continuar, e continuou.

Uns meses depois, o comité avisou que as casas saqueadas e desabitadas, não regressando os proprietários, seriam ocupadas pela população das palhotas. Para os brancos, nada havia a que regressar. Tinham esgotado *as fíats* para alugar no Maputo. Não queriam perder a propriedade - pelo menos, nessa altura, ainda pensavam poder mantê-la - mas temiam regressar. Assim, o Domingos justificou a casa negociando, com o comité, aulas de alfabetização para o povo, dadas pela filha, que andava no liceu. A filha chamou-me como ajudanta, e às quartas e sábados, passámos a ensinar as primeiras letras aos filhos dos que assassinaram o Cândido na casa queimada. Não havia móveis, apenas o chão e paredes de cimento lambido pelas chamas. Os negritos chegavam

às três da tarde, sentavam-se sem ordem alguma, no meio da sala ou encostados às paredes. Vinham descalços e esfarrapados, como desde sempre; vinham com as pernas e os braços brancos e vermelhos de pó e terra, a cara ranhosa e os olhos remelosos. E eu e a Domingas, muito brancas, muito limpas, muito bem calçadas, muito educadas, desenhávamos o alfabeto, a giz, na parede queimada, que depois lavávamos para secar depressa e servir outra vez. Trazíamos os cadernos e os lápis, onde lhes desenhávamos linhas de is e us e pês e rês, que tinham de copiar. Não falavam português, a não ser o mínimo, mas entendiam tudo o que lhes explicávamos. E, ao fim da tarde, quando começavam os mosquitos, os filhos dos que mataram o Cândido iam-se embora felizes por terem aprendido muitas letras. Foi assim que durante doze meses, eu e a Domingas alfabetizámos, com autorização do comité, os negritos do Vale do Infulene

Depois, mandaram-me embora para a Metrópole, para ser uma mulher, e a Domingas continuou, sozinha, a assegurar o património do pai, que nunca foi seu.

Quanto a nós duas, a guerra roubou-nos o prazer. Rouba sempre.

Quando crescemos, e a vida nos corrompe, torna-se impossível voltar às primeiras letras, às que não conhecem, naturalmente, qualquer corrupção.

Mas isto já foi tudo na outra vida.

29.

1975, Novembro. Voos da TAP esgotados há meses, para qualquer destino.

Nos dias anteriores tinha havido um corrupio. As malas. Os fundos falsos. As calças de *La Finesse* verde-alface e amarelo-canário, para o Inverno português, tão cinzento e castanho e azul-escuro.

Meias. Cuecas. Soutiens. Pensos higiénicos *Modess*. Camisolas de manga comprida. Um pesado casaco de lã clara, fora de moda, apertado à pressa.

Lourenço Marques esvaziava-se de brancos, ricos e pobres, desde muito antes da independência.

Tínhamos ficado para o fim. O meu pai acreditava num revirinho, numa África branca na qual os negros haviam de se assimilar, calçar, ir à escola, e trabalhar.

Os negros haviam de nos sorrir, sempre, e agradecer o que fizéramos pela sua terra, quer dizer, pela nossa terra, e servir-nos, evidentemente, porque eram negros, e nós brancos, e esta era a ordem natural das coisas. Não é normal habituar os cães a coleira e trela, ou abater um cabrito e assá-lo? Pois essa era a ordem do mundo.

O meu pai acreditava num movimento de brancos, num outro movimento de brancos, após o de 7 de Setembro. Um que havia de vencer mesmo, que seria financiado pela África do Sul ou pela Rodésia. Havíamos de expulsar o poder negro da cidade, e remetê-lo ao mato, de onde tinha vindo, onde pertencia, e domesticá-lo ou chaciná-lo. Um ou outro, conforme fosse merecido. Uma África de brancos, sim, uma África de brancos, repetíamos-lo.

Porque aquela terra, senhores, era do meu pai. O meu pai era todo o povo moçambicano. Sentia força e raiva e espumou até ao último dia, recusando baixar a voz perante um negro, mostrar-lhe os documentos, as

guias de viagem, tratá-lo por você, dar-lhe a mão em sinal de aceitação da sua autoridade.

Com ou sem independência, um preto era um preto e o meu pai foi colono até morrer.

Na véspera da sua morte, quando já não comia nem bebia, sonhou que os pretos lhe tinham metido os cabos pelas paredes, tudo mal feito, e gritava com eles. Andava enrolado naquilo. Sofria. Perguntei-lhe, "ainda te lembras muito do Sommershield?"

Lembrava; sabia de cor o nome de todas as ruas, a localização dos prédios, a designação comercial das lojas, em cada esquina, e os nomes próprios e apelidos dos construtores encarregues de cada obra. Recordava cada um dos seus pretos favoritos: o Samuel, o Ninhanbaka...

"Nós tínhamos feito daquilo a América... se aqueles gajos... e estes..." e abanava a cabeça, soltava um rangido, fechava os olhos, encolhia os ombros até ao pescoço, sacudia-se como se quisesse soltar pensamentos: "pretos do caneco".

Em 1975 já não se construía em Lourenço Marques. Tudo parou. Já não havia obras por onde enfiar cabos de electricidade, e, mesmo que as houvesse, seriam entregues aos cooperantes soviéticos, cubanos, do Báltico, não a um colono mal visto, com má fama, um passado manchado, preso por um fio.

A pouco e pouco, os negros do meu pai desapareceram no caniço, porque já não havia trabalho. Não restou um. Nunca mais vi os pretos do meu pai.

Na escola, o professor de Francés, era preto. *Il était du Sénégal. Noir. Le francais au noir!*

A Historia era a dos reinados anteriores a Gungunhana, essa etnia, e as outras, que eram muitas. E das guerras que travavam. Os *bantu*, os *shona*, os do Monomotapa. Os *nguni*, depois os zulus.

Os brancos riam-se. Aquilo era a história dos pretos! Os pretos julgavam que tinham história! "A história dos macacos!"

Em Português escrevíamos poemas sobre o colonialismo, a exploração do homem pelo homem, a luta armada, o fim do lobolo e da candonga; a FRELIMO como religião, os salvadores do povo, Samora Machel, Graça Simbine, Eduardo Mondlane, esse sim, que era "casado com uma branca, porque fora educado na Europa; nem era bem negro,

era mais mulato" - com esse havia "a porca de torcer o rabo, por isso o assassinaram; foi o Samora" - e o Chissano, "falso como Judas".

Em Educação Visual realizámos trabalhos colectivos: murais sobre a revolução, cartazes sobre a revolução... Mas aquilo não era escola. Seria, portanto, necessário dar-me destino. Eu era branca. "Eu já era uma mulher. Era perigoso".

No dia vinte e tal fecharam-me as malas e os sacos, e eu não disse nada, porque uma filha "não tinha querer, não era achada"; atiraram-nas, à última da hora, para a caixa fechada da *Bedford*, sobre tubos, cabos, fichas-fêmea e macho, interruptores, e outros aparelhómetros para medição de voltagem, naqueles dias já sem uso; a minha mãe penteou-me aos repelões, como sempre, e disse-me, "hoje, vestes este fato. Vais para a Metrópole".

Subi para a carrinha com ordem para não me sujar; não que ma tenham dado - eu sabia - não podia sujar-me nunca: tinha esgotado a prerrogativa ao nascer. Por isso, sujava-me muito, primeiro que tudo, prioritariamente.

No dia vinte e tal subimos os três para a Bedford, em silêncio; eu, para o meio; eles, um de cada lado, e conduziram-me ao aeroporto, pela picada que saía da Matóla Nova: Bairro Salazar. O meu pai chamava-lhe Bairro Salazar.

Deixou-nos pó vermelho na garganta. Íamos depressa. Atrasados.

Acho que foi a última vez que estive no meio deles. Entre eles.

Nesse silêncio revi a matéria.

Era a portadora da mensagem; levava comigo a verdade. A deles.

A minha, também, mas eles não imaginariam que eu pudesse ter uma verdade só minha, sem a sombra das suas mãos.

E revi a matéria.

30.

O meu pai conduzia a Bedford branca na picada que atravessava toda a Matóla Nova até à estrada de alcatrão que ligava Lourenço Marques à Matóla Velha, lá mais ao fundo. E eu não ia de branco. Ele guiava depressa demais, porque estávamos atrasados para o voo. Eu ia nesse dia para a Metrópole. O voo era ao final da tarde, e sabia-se que precisaria de umas boas horas para cumprimento de todos os trâmites alfandegários. Conferência de documentos. Vasculhar as malas. Passar no controle de metais, no apalpamento...

Ouvia o estrondo dos cabos de electricidade, sacudidos pelos buracos da picada, na caixa da carrinha, lá atrás, esse lugar que ia deixar atrás, atrás; passávamos junto à cantina, do lado direito de quem ia, onde os negros esperavam pelas boleias, e vendiam tudo, lenha, montes de carvão, galinhas, cabritos, capulanas e raízes para mascar. Era aí que eu pedia para ir comprar garrafas de cerveja *Laurentina* ou 2M ou *Seven Up*, ou pedaços de gelo ou enxofre ou óleo ou azeite, ou qualquer coisa de que a minha mãe se tivesse esquecido, e não houvesse outra solução, porque o meu pai não estava por perto. Podia descalçar-me às escondidas no mato, e ir clandestinamente, sem sapatos, a ver se conseguia que os meus pés ficassem como os pés dos negros, de dedos abertos e sola dura, rachada. E gingava como uma preta, para experimentar o que era ser preta. E as mamas passavam por mim e riam-se, e os negros também. E diziam-me coisas que eu não percebia, riam-se, a branca, a branca, essa branca do electricista. E eu ria-me. Tinham reparado em mim. Parecia-me com eles. Tinham-se rido. Ia descalça. E não podia.

Íamos aí, a meio do caminho.

À passagem da carrinha levantava-se uma nuvem de poeira vermelha que caía sobre a carapinha dos pretos, e a pele castanha dos pretos e os

tornava irreais, seres tão extraterrenos, intensos, proibidos. Tão misteriosos. Sei que não ia de branco, porque era o dia da minha partida para a Metrópole, e tenho a certeza que cheguei a Lisboa com calças de terilene azul-marinho. E foi junto à cantina, essa cantina, que o meu pai teve de voltar atrás. Esquecera-se de alguma coisa que fazia parte da minha bagagem. O anel de esmeraldas da minha tia, que eu teria de passar na alfândega, no dedo médio; estava muito largo, ataram-lhe cordel para o engrossarem e mo cintarem ao dedo; largo, mesmo assim: era de ouro branco com pedras que considerei desprezíveis; tinha outra ideia do que deveria ser uma esmeralda; a minha tia, quando retornasse, não teria dedos que chegassem para os anéis, pelo que os ia distribuindo.

Isso contrariou-me. Não o anel. Voltar atrás. Perder vinte minutos. Vestiria o que me pedissem, colocaria nos dedos os anéis que me entregassem, se quisessem até os engolia, ou entalava-os debaixo das mamas, como se fazia com as notas, as moedas de prata e as pedras preciosas a sério. Queria sair dali para fora o mais depressa possível.

Tinha ficado feliz quando soube que na decisão final sobre o meu futuro tinha vencido a partida. Houve uma decisão? Não interessa. Que se tinha decidido que eu me iria embora no primeiro avião disponível. Qualquer desculpa serviria: os estudos, a segurança, a minha virgindade... Dali para fora. A andar. Rápido. Queria, como uma criminosa de guerra, voltar costas a toda aquela esquizofrenia que não me permitia ser legítimamente quem eu era nem viver com o que eles eram. Precisava de uma identidade. De uma gramática. Melhor, de poder mostrá-las sem medo. Sou isto, pronto, sou isto, assim, agora, olhem, arranjem-se.

Vestiam-me e calçavam-me de branco, mandavam-me pisar o raio da terra tão negra e húmida que chiava debaixo dos pés, ou tão vermelha que o verniz ou o couro se pintavam de uma aguarela de sangue claro. Não havia forma de poupar o meu corpo às manchas da terra, contudo estava proibida de me manchar dela. Não havia forma de me libertarem dessa necessidade de me manter imaculadamente branca. Na minha memória estou sempre vestida de branco, preocupada em não me sujar. O vestido branco que não usei nesse dia é a mais clamorosa metáfora da minha vida de pequena colona: uma branca de branco, agarrada à saia que não pode sujar, olhando os sapatos brancos que não pode empoar. É

assim que me vejo, na cabina da *Bedford* branca, encolhida debaixo da roupa, preocupada com a poeira que entra pelas janelas.

Do lado do volante, o meu pai. Vais para a minha terra. Vais gostar. Pede à tua avó que te faça toucinho entremeado com couve branca. Do lado da janela, a minha mãe. Não te sujes. Penteia-te. Sempre despenteada. Tem cuidado para que nada chegue partido. Olha o anel da tua madrinha.

Sim, olharia por tudo. A quem entreguei o anel da minha madrinha?

Era Novembro, fazia muito calor e eu usava um vestido branco em tecido crepe. Não me podia sujar. Tudo isto parece certo, mas é mentira. Eu vestia de azul.

Agora, depressa, para o aeroporto. A vida na colónia era impossível. Ou se era colono, ou se era colonizado, não se podia ser qualquer coisa de transição, no meio daquilo, sem um preço a loucura no horizonte.

31.

Na noite já longa, lá fora, homens cavalgando camelos aproximam-se do avião para prestar assistência técnica. Vejo-os passando sob a asa. Alguns, param.

É uma imagem invulgar, portanto estranha. É noite, e uma noite especialmente só. A primeira noite em que ninguém me mandou apagar a luz, e em que me encaminho para a mulher que escreve estas palavras. A mesma mulher, ainda menina, o mesmo cabelo e os olhos claros vazados pela miopia, as mãos com muitas linhas, as pernas gordas nas coxas que continuam a rasgar as calças entre as pernas. A mesma pessoa, como poderei explicar isto melhor: a mesma pessoa.

Na noite, as formas lentas, claras dos camelos encimados por homens de turbante. A toda a volta, uma escuridão apocalíptica. Nem uma luz. Foi há trinta e tal anos.

É o aeroporto de Dakar. Acabámos de fazer escala no Senegal por imperativos técnicos. Não saímos do avião, não podemos levantar-nos nem desapertar os cintos de segurança.

Lembro-me que é o Senegal porque na altura pensei, é o sítio de onde vem a margarina. Havia uma margarina muito boa do Senegal e barrávamo-la no pão. Não me lembro se fizemos escala em Joanesburgo ou em Luanda. Se calhar fizemos. Só me lembro da margarina do Senegal, e dos homens de turbante sobre camelos, rodeados pela mais funda escuridão.

Digo à hospedeira que preciso de procurar o anel de esmeraldas da minha madrinha, um que trazia neste dedo, que me caiu dos dedos num momento de esquecimento, que não dei por nada, que deve ter rolado para trás, ou para a frente. Diz-me que não posso levantar-me. Estou desesperada, é um anel de esmeraldas, não me pertence, tenho de o entregar a alguém, depois, não sei quando, está-me largo, caiu, preciso

de me levantar e de o procurar. Ela diz-me que não. Só quando chegarmos a Lisboa. Que tenha paciência.

A forma como olhámos para as nossas mãos aos dez anos, e a forma como olhamos para elas, agora, estou a olhar para as minhas mãos agora, não muda. As mesmas mãos. Como puderam envelhecer e ser ainda as mesmas? As unhas iguais. Os nós dos dedos. Os mesmos olhos. O mesmo pensamento, quando olhamos, com os mesmos olhos, as mesma mãos.

Reacções iguais perante os acontecimentos, a expressão dos sentimentos, como a alegria, mas sobretudo o medo, não mudam relevantemente ao longo do tempo. A partir de certa idade, muito cedo na infância, já somos nós, o que há-de perseguir-nos sempre.

Não me lembro de sobrevoar Lourenço Marques. Não vi pela última vez a baía de Lourenço Marques. Mentira. Vi, sim, qualquer coisa! O mato longo lá em baixo, enquanto o avião ascendia. O mato quente. Mais nada.

Quando partimos, muito ao final da tarde, Lourenço Marques ficou para trás do pôr-do sol, muito doce, muito madura, mas já longe quando levantámos; era o lugar onde nunca voltaria; eu sabia; agora tinha de me preparar para ser uma mulher, começar uma vida nova, fazer tudo certo. Sabia que era difícil. Que estava marcada por uma larga solidão invisível. Não sabia como tinha acontecido nem porquê.

Sei-o, hoje, porque reconheço o meu pensamento seguindo os mesmos caminhos, enformado nos mesmos moldes. Porque sou a mesma. Lembro-me de como pensava.

Já estou aqui, contudo ainda lá estou. Na verdade, todo o passado, presente e futuro ali se fundiram, naquela viagem, e eu só posso falar usando as palavras de fronteira, de transição, manchadas, duais que aí se formaram.

No aeroporto de Lourenço Marques, nos momentos que antecederam a entrada para a alfândega, lembro-me de uma porta de vidro. Quando se atravessava, não havia regresso.

Via os que tinham entrado, já distribuídos por filas. Tínhamos chegado tarde, porque o meu pai esquecera-se do anel da minha madrinha, o que perdi no avião, e ainda era preciso cumprimentar todos aqueles brancos que se foram despedir da filha do electricista, levando recados, cartas, pequenas encomendas que eu deveria encaixar na bagagem de mão, avisos sobre como deveria contar tudo na Metrópole, a mesma lenga-lenga, contas tudo o que nos têm feito, diz que perdemos tudo, que o dinheiro não vale nada, que não há que comer, que mataram os Monteiros, que a filha do Sousa mais o marido estão presos, conta que estamos quase a ir. Diz que eles hão-de matar-se uns aos outros. Que não querem trabalhar e morrerão de fome. Que África sem brancos está condenada. Vão chorar e clamar tanto por nós!

Mas, agora, vai, depois lá nos encontraremos e falaremos. A gente vai a seguir. Agora vai que já é tarde, vai, vai, e neste instante em que tudo está perdido, em que já não há volta, em que entro por essa porta de vidro, após os beijos formais, um sentimento estranho que não consigo controlar, um vazio, um nunca mais vou voltar, uma coisa que se perde, um vazio, e esse amor tão escondido, tão evidente pelo meu pai, que me projecta para os seus braços, contra a minha vontade, como uma bala que o atravessa e o torna exangue, eu chorando a fio, não conseguindo largar o seu corpo, os seus braços enormes, o seu corpo enorme, as suas mãos enormes, a sua carne enorme que beijo, que não quero largar. E volto atrás, chorando a fio, abraçada a qualquer parte desse corpo sagrado, chorando, chorando-o, arranhando-o de amor, como se o mundo acabasse ali, e acabava, depois a minha mãe, que me sacudia, envergonhada, e eu, envergonhada, tanta gente, não chores, filha, olha as pessoas, não chores, filha, agora vai que já é tarde, e o corpo doce, doce, ácido, suado do meu pai, o corpo querido do meu pai, a camisa branca e doce, ácida, suada, encharcada das lágrimas que eu não percebia nem controlava. E agora vai, agora vai, e atirou-me para dentro da porta de vidro, ao colo atirou-me para dentro da porta de vidro, e eu voltei-me e vi o seu rosto contrito, já do outro lado, as suas duas mãos inteiras espalmadas contra o vidro, o sorriso misturado com lágrimas. As duas mãos iguais às minhas mãos. Estas, de carne, que agora escrevem esta frase. As mesmas.

32.

"Lá pela Metrópole andam muito amiguinhos dos pretos!, mas que vejam bem quem eles são, e a paga que nos deram por tudo o que aqui enterrámos, e era nosso; esta cidade, o trabalho, donde comiam. É por ti que vão saber. Tens de contar. Conta a todos."

Quando descí da carrinha, no aeroporto de Lourenço Marques, e era a última vez, ia toda vestida de sangue: era terra vermelha, mas na verdade, sangue, que se foi soltando durante a viagem aérea, realizada na noite por pudor, não para dormir. Por vergonha, em silêncio.

"Enfia no dedo o anel-esmeralda da tua madrinha. Se perguntarem, diz que é teu".

"Diz que nós vamos a seguir, que o teu pai vai montar uma oficina de electricista... vê lá sítios baratos para alugar... Diz que ficámos sem nada, que vamos começar do zero."

O aeroporto estava cheio: barulhos de coisas e pessoas, cheiro a suor, ansiedade, medo, perda. Recados, cartas, pequenos objectos para alguém. "Não te esqueças do que tens de contar. Agora és uma mulher. Já és uma mulher. Está tudo nas tuas mãos".

"Coragem. Não te esqueças de contar a verdade!"

E sem uma palavra, inerte, ignorando-os, ignorando a verdade deles, chorei.

Chorei porque tinha chegado ao fim; ao momento em que pressentimos nunca mais voltar a nenhum lilás, a nenhum laranja, ao cheiro e vida dessas cores; chorei abraçada ao meu pai, só mais uma vez, ao meu pai, e depois... "não te esqueças, rapariga; vais estudar para seres uma mulher"; e tendo voltado de novo aos braços do meu pai, para chorar o que só ele poderia saber que chorava, despedi-me dele até uma outra vida.

E nesse momento houve um vácuo de tempo em que não fomos pessoas, não tivemos culpas nem prazeres, nada humano - só nós; senti ao longe o odor da sua carne transpirada, ácida e doce, que era a minha, dos seus ombros e rosto, um abraço que não pudemos desapertar nunca; e ainda não, e em nenhum lugar, nunca, porque não era apenas um abraço, mas a aliança invisível, muda, que mantínhamos, à qual fui fiel mesmo quando o traí logo a seguir. Tudo o que me interessa é ser-lhe fiel e fazer justiça e esse momento de vácuo em que não fomos humanos, mas só os dois, um do outro, sem tempo.

Quando nos reencontrámos, uma década depois, já nos tínhamos despedido excessivamente. Para quê tudo outra vez, se o nosso tempo tinha acabado?!

Era a última hora, a última hora, e ele empurrou-me para a porta de embarque; olhei para trás, antes de entrar, chorando: tinha de ir, porque levava o anel de esmeralda, as cartas, os pacotes, os recados sobre a verdade. Tinha de ir.

Peguei na pequena malinha de mão, um *necessa irecreme*, porque todas as mulheres tinham um *necessaire*, e eu, diziam, já era uma mulher, voltei-me, parei de chorar, e parti.

Ainda estou a olhar. Ainda estou voltada. Do outro lado da vidraça, juntos, acenando, eles ainda estão lá. Longe, lá. Do outro lado, lá. A minha mãe com um vestido azul-escuro de bordado branco na gola. O meu pai, uma camisa branca manchada de pó, as calças ao fundo da barriga; desbarrigado. Despenteado. Bronzeado de colono. O sorriso de olhos vermelhos do meu pai. O sorriso a chorar do meu pai. As suas mãos iguais às minhas coladas ao vidro da porta.

Quando o avião tomou altura houve dentro da cabina um silêncio fundo sobre a baía de Lourenço Marques, os subúrbios, as palhotas, as terras de cultivo, o mato que vi enquanto subíamos.

Em silêncio, mas num silêncio ainda mais fundo, porque afinal já era uma mulher, voltei a chorar o que perdia e haveria de pagar. A dívida alheia que me caberia.

Nunca entreguei a mensagem de que fui portadora.

33.

Apagam-se as luzes no interior da aeronave. Faltam horas para aterrarmos em Lisboa. Podemos descansar com os nossos pesados restos coloniais, se conseguirmos fechar os olhos por escassos minutos.

Não a conheço. É uma mulher morena, bronzada, alta, imponente. Veste um fato de saia e casaco de sarja branca, justo. Traz uns enormes óculos escuros de armação branca.

Recostada num sofá individual branco, descai o busto negligentemente, entreabrindo as pernas de frente para as enormes janelas franqueadas à brisa feliz da Primavera; as cortinas de fino algodão branco, translúcidas, esvoaçam como as de uma casa de praia à beira-mar.

As mãos morenas, com irrepreensíveis unhas brancas; os cotovelos apenas pousados nos braços do sofá. Como alguém que se oferece para receber uma dádiva invisível.

Acabo de chegar de fora, de longe, onde afinal sempre estive. Entro na imensa sala branca e contemplo-a de perfil. Crianças correm de um lado para o outro, à sua volta, ruidosas, em desassossego. Não as conheço. A mulher, como um *robot* desligado, não se incomoda, não se sobressalta.

A voz de uma outra mulher, que atravessa a sala, apressada, carregando à cintura uma trouxa de roupa para lavar, informa-me, indiferente, "esta é a filha do teu pai". Ouço e corrijo de imediato, mentalmente, "esta é a outra filha do meu pai. Recordo as nunca assumidas infidelidades do meu pai e acrescento, só para mim, "pode ser!" Activada pela voz que passou, a mulher majestosa levanta-se, alisa a saia antes de se endireitar, volta-se para mim e estende-me o braço, sorrindo, olhando-me por cima dos óculos. É bonita, caramba.

É uma mulher enorme, inteira, com um longo e farto cabelo escuro, umas longas pernas bem torneadas, como uma miss das ex-colónias, como a Ana Paula Almeida, como a Riquita... Sinto-me insignificante perante o esplendor sensual daquela filha do meu pai.

Assim que me estende o braço, as frentes do casaco, desabotoado, mas encostado ainda ao peito, abrem-se completamente, e expõem todo o seu tronco: e vejo-a nua da cintura para cima. Estende-me o braço, mas eu não posso responder com o meu, porque agora olho apenas aquele espaço nu até ao recorte púbico que a saia descaída permite. Um nu escultórico, de mármore: as mamas crescidas e cheias, espetadas na minha direcção como setas, os pequenos mamilos tesos, de um castanho quase rosa, o abdómen musculado, esticado, o ventre liso, a perfeita curva da anca. E como se, consciente de tanta majestade, tivesse desejado tornar-se irreal, toda a sua pele brilha sobre o bronzeado, acrescentada de luz. Uma finíssima película de pó prateado cobre-lhe o pescoço, as mamas, o abdómen, o ventre, as ancas, cada milímetro da generosa pele. Pinta-a. Veste-a de nudez. E tal nudez é o tesouro. Mantém o braço estendido na minha direcção. Continua a sorrir, a olhar-me por cima dos óculos, que ainda não tirou. Quer ser minha amiga, embora não mo tenha dito. Vai dizer-mo agora. Não trocámos uma palavra. Mas vai falar agora.

Sinto medo. Sinto muito medo da filha do meu pai.

E depois chegamos a Lisboa

34.

Eu tinha andado a roubar os pretos. Julgava que me iam lavar os pezinhos com água de rosas?!

Isto não eram as Áfricas!

"Ah, não gostas de bofe com arroz? Andaste a roubar os pretos e julgas que havemos de te servir camarão num prato de ouro!"

Não se responde. Baixam-se os olhos. É mentira e é verdade, mas ambas precisam de voz, e não a temos. É muito cedo. Eu ainda estava na raiz da verdade. Ainda lá dentro, húmida, crescendo, comendo terra, esperando terra.

Todos os lados possuem uma verdade indesmentível. Nada a fazer. Presos na sua certeza absoluta, nenhum admitirá a mentira que edificou para caminhar sem culpa ou caminhar, apenas. Para conseguir dormir, acordar, comer, trabalhar. Para continuar. Há inocentes-inocentes e inocentes-culpados. Há tantas vítimas entre os inocentes-inocentes como entre os inocentes-culpados. Há vítimas-vítimas e vítimas-culpadas. Entre as vítimas há carrascos.

Passa muito tempo até termos a voz, até termos saldado, a bem ou a mal, a dívida que pensámos dever; até cuspirmos no dever e na honra e na fidelidade, essas cordas tão sujas, tão forçadas. Até não nos importarmos de ser apenas umas cabras, párias do sangue e da raça. Até perder a fé e a cortesia. Tudo.

35.

O meu pai tinha uma cara grande e suada cheia de ódio ou amor conforme os dias. Tendo eu preferido os do amor, calharam-me muitos dos de ódio. Quando amamos e nos violam num mesmo tempo, e não podemos fugir, enfrentamos de igualmente perto a face do amor e a do ódio, e não desviamos o rosto; sentimos o cuspo bater-nos nos lábios, nos olhos, e ouvimos até ao fim, sem pestanejar, sem um movimento muscular que possa ser mal interpretado. Não podemos fugir. Torna-se uma certeza. Uma prisão de alta segurança dentro da qual sabemos que temos de resistir e sobreviver.

O meu pai era voraz, devorava, vociferava todos os sentimentos que conseguia exprimir, e conseguia muito bem, com uma expressividade tão brutal que causava vertigens.

Quando somos novos, acreditamos nesse amor ou nesse ódio porque aquele é o rosto de quem amamos. Não há mais ninguém, estamos entregues às mãos dos que nos criaram e que dizem sermos seus. E somos. Mas custa ser de alguém a quem se deve uma fidelidade sem limites.

Recebi todos os discursos de ódio do meu pai. Ouvi-os a dois centímetros do rosto. Senti-lhe o cuspo do ódio, que custa mais que o cuspo do amor, e enfrentei, olhos nos olhos, a sua raiva, a sua frustração, a sua tão torpe ideologia, e ouvindo, não disse nada, nem um assentimento, nem um músculo se mexeu, e eu, inteira, era um não.

Tive medo do meu pai. Que me batesse com as manábulas, que me gritasse, que me dissesse tu não és minha filha, porque a minha filha não gosta de pretos, não acompanha com pretos, não sonha com pretos. Havia uma raiva tão grande dentro de si, em amigável convívio com o amor que podia oferecer-me de um momento para o outro.

Mas não me arrancou um assentimento. Nunca ouviu da minha boca um tens razão, um realmente, um pois. No máximo, um percebi, como

resposta a um percebeste? Porque ele podia obrigar-me a sentar, ouvir e calar, sujeitar-me a sessões públicas e privadas de ideologia rácica, mas não convencer-me das vantagens da raça nem do ódio.

O meu pai não me arrancou ao que eu era e pensava; o meu pai não foi capaz de formar o meu pensamento. Escapei-lhe. Ele repetira-me demasiadas vezes a sua lenda preferida, a de São Martinho, o que reparte a capa. Portanto, tendo eu absorvido uma mensagem tão generosa, podia gastar à vontade o seu latim com a conversa dos pretos. Eu poderia ter ouvido a lengalenga vinte e quatro horas por dia nos altifalantes, como um prisioneiro em Guantánamo, e não teria mudado um centímetro. Porque o que eu pensava, pensava com uma certeza inamovível.

Não foi fácil ser a filha do electricista. Sonhei muitas vezes que o electricista havia de morrer de muitas maneiras e deixar-me livre para pensar, para existir sem medo. Para lhe responder.

E um dia morreu mesmo, sem que pudéssemos ter feito completamente as pazes, sem que eu estivesse totalmente crescida, e ele totalmente vencido, e agora está aqui sentado, a dois centímetros do meu rosto, a ler-me, e eu, sinceramente, só queria dizer-lhe que vivemos um tempo demasiado curto para o nosso amor, confuso, desajustado, injusto. Que foi só isso que nos aconteceu: um tempo, um espaço, um tabuleiro de xadrez errado para o amor.

E que o traí para que pudéssemos levantar a cabeça.

36.

Maputo/Lisboa, voo TAP, via Senegal

Lembro a data em que desembarquei sozinha no aeroporto de Lisboa, pelas seis da manhã de um dia no final de Novembro de 1975. Estava muito frio, e eu gelava. Mas esse não foi o dia mais frio do Inverno de 75; se bem me recordo, essa estação foi especialmente rigorosa.

Passada a alfândega, bem agasalhada no meu casaco de lã verde-alface, que pertencera à minha madrinha nos anos 50, e fora à pressa adaptado ao meu corpo, descii uma passadeira longa e curva que me levaria até pessoas que desconhecia, mas que me esperavam - a família dos meus pais.

No Carnaval seguinte, o meu tio pintou-se de palhaço, vestiu o meu casaco de lã, as minhas calças amarelas de tecido "la finesse", e foi tocar trompete, bêbado, para o meio da rua. Que folião! Que bem vestido de palhaço que ele estava!

Em Portugal, habituei-me cedo a ser alvo de troça ou de ridículo, por ser retornada ou por me vestir de vermelho ou lilás. Mas o meu sentido de justiça era um Pai-Nosso. Se me absolviam de culpa, eu podia atravessar, impassível, multidões de acusadores. Nada me deitava abaixo.

No entanto, o meu peito foi pactuando com o ridículo a que me expunha, e abriu-se a ele totalmente.

Vêm dizer-me que a certa altura da minha juventude eu levava tudo à frente. Era um carro de combate, uma voragem, se quiserem.

Depois veio uma tarde em que fui obrigada a dizer a verdade: "perdi tudo excepto os meus lápis nº 1."

Respirei fundo. E doía-me muito o peito.

37.

Era Novembro e eu tinha acabado de chegar.

Nas Caldas da Rainha, em 1975, para ir para a escola atravessava uma rua negra, com alcatrão levantado nas bordas, sem passeio: um túnel de edifícios muito sujos pelo tempo, dos dois lados da via. Era uma rua cinzenta-escura do princípio ao fim.

À hora a que ali passava havia ainda muito nevoeiro ou fumo ou frio opaco. A atmosfera era espessa, e eu atravessava-a como uma faca. Cruzava-me com trabalhadores apressados, vergados pela hora matinal, pelo sono, pelo cansaço, pela pressa. Caminhavam muito rápido e de passo miúdo, com os olhos postos no chão, usando casacos e bonés de fazenda axadrezada, cinzenta, preta ou castanha e fatos de trabalho escuros. Nunca lhes via a cara.

Do lado direito da estrada, no início da rua, abria-se uma porta larga para as entranhas de uma oficina. Não era uma porta, mas uma cloaca. Dentro, paredes negras de humidade e óleo velho. Quando passava frente ao portão, três homens atarracados, com mãos e roupa sujas do trabalho, gritavam-me comentários sexuais que me esforçava por não ouvir. Colava o pescoço aos ombros, comprimia as paredes dos ouvidos, fechava os olhos, fechava-me, e mesmo sem querer escutava mamas, cona, rabo, palavras que vinham adornadas com advérbios ou verbos de péssima expressão. Insultos.

Tinha 12 anos, quase 13, e insultavam-me por evidenciar mamas, cona e rabo, não percebendo eu o desmerecimento. Insultavam-me por já ser uma mulher. Isso bastava.

Não havia outro caminho para a escola. Era preciso ir por ali todos os dias.

A minha avó era uma velhinha muito branca e vestia-se toda de preto. Quando lhe descrevi o comportamento dos homens da garagem,

disse-me que era assim, que não respondesse, que mulheres honradas tinham orelhas moucas.

Não sei se a rua negra ainda existe. Em Portugal tudo demora muito tempo a mudar.

38.

A metrópole era suja, feia, pálida, gelada. Os portugueses da metrópole eram pequeninos de ideias, tão pequeninos e estúpidos e atrasados e alcoviteiros. Feios, cheios de cieiro, e pele de galinha, as extremidades do corpo rebentadas de frio e excesso de toucinho com couves. Que triste gente! Divertiam-se a mofar connosco, atirando-nos à cara que estava difícil, pois estava, que aqui não havia pretinhos para nos lavarem os pés e o rabinho, que tínhamos de trabalhar, os preguiçosos de merda, que nunca fizeram a ponta de um corno pela vida, que nunca souberam o que era construir uma vida e perdê-la, os tristes, os pequeninos, os conformados. Sabiam lá eles o que eram os pretos, e o que éramos nós e o que tínhamos acabado de viver, cobardes filhos de uma puta brava. Insignificantes cabrõezinhos, se eu havia de dizer a verdade, se eu havia alguma vez de dizer a verdade. Os lerdos das ideias, lentos, com conta no Montepio, doentes dos olhos por olhar de viés para esses gajos que vêm cá roubar o pouco que é da gente, que a gente cá tem, esses retornados, tão altivos como príncipes que perderam o trono, e que hão-de recuperá-lo, julgam eles, oh, se não!, porque nada atiça as ganas como perder, e perder bem, à americana. Tão feios, tão pobres de espírito esses portugueses que ficaram, esses portugueses de Portugal, curtidos de vinho do garrafão. Feios, sombrios, pobres, sem luz no rosto nem nas mãos. Pequenos.

39.

O meu pai ia apodrecendo numa prisão da FRELIMO por ter afirmado, em público, que Samora Machel não passava de um reles auxiliar de enfermeiro. Conhecendo o meu pai, acredito que terá acrescentado qualquer outro mimo como "preto de merda", ou pior.

Isto aconteceu em 78. Eu estava em Portugal há três anos.

Saiu do cárcere, irreconhecível e calado, após longa e angustiante intervenção da minha mãe, a qual conheceu alguém que era amigo de outrem, que se dava com Graça Machel, a quem se foram escrevendo cartas com pedidos de clemência. O assunto acabou por se resolver, até porque o meu pai não fora a julgamento. A prisão do meu pai foi tabu na família. Ele nunca nos falou sobre o que se passou lá dentro, e nós tivemos pudor em perguntar, pelo que imagino o pior. A sombra do que não se sabe é sempre enorme. O meu pai era um gabarolas bem disposto, portanto, se não lhe ocorreu gabar-se sobre os seus feitos heróicos desta fase, nem sequer uma gracinha, é provável que não tenham existido, e que a coisa não lhe tenha corrido bem.

Nos anos 90, já ele estava em Portugal há algum tempo, e a propósito do meu nojo por aranhas, gabou-se sobre certo dia em que acordara no cimento da prisão, sentindo o peso de um enorme bicho peçonhento sobre o ombro, o qual arrancou à pele nua com a manápula que lhe conheci, lançando-o para longe; riu-se; que ele era muito corajoso, isso nós já sabíamos, não estranhámos; perguntei-lhe como eram as instalações, como tomavam banho, e respondeu que os guardas os levavam "lá abaixo ao rio", referia-se ao Zambeze, e que aí se ensaboavam e lavavam a cinco metros dos crocodilos. Mais nada. O assunto cortou por aí.

Lembro-me da pele do meu pai, muito lisa e húmida. Lembro-me do seu ombro onde se terá aninhado um bicho peçonhento.

Conhecendo o meu pai, tenho a certeza que lhes deve ter chamado pretos de merda, a todos, e todos os dias, e que terá apanhado forte e feio, sem dó, sem hora. Conhecendo o meu pai, e amando-o, apesar de tudo, dói-me imaginá-lo espancado, humilhado, vergado por aqueles que antes vergou. Dormindo no chão de cimento, ao molho com os condenados de delito comum.

Para os brancos que decidiram ficar nas ex-colónias, após a independência, por solidariedade com os movimentos de libertação, ou por não terem outra escolha, ou não quererem tê-la, a vida não foi fácil. Os retornados, tendo a maior parte regressado à metrópole amaldiçoados e de mãos vazias, safaram-se bem melhor. Os brancos que ficaram em África tornaram-se alvo fácil de numerosas vinganças. Eram suspeitos. Os seus passos e palavras eram vigiados pelas instituições, pelos comités de bairro, pelos vizinhos. Era preciso ter cuidado com o que se dizia e fazia. Qualquer deslize seria considerado colonialista, e não havia piedade, o preço era alto. A denúncia constante.

40.

O meu corpo foi uma guerra, era uma guerra, comprou todas as guerras. O meu corpo lutava contra si, corpo-a-corpo, mas o do meu pai era grande, pacífico e de carne. O corpo do meu pai era dele e valia a pena. O seu corpo era o do outro que estava em mim, mas sem guerra. Redondo, macio, arranhado, o corpo do meu pai dava-se ao riso, às cócegas, ao meu corpo.

O meu pai tinha os pés rosados, de uma pele muito branca e quebradiça que escamava; dizia que era a filária, e que não lhe puxasse as peles. A minha mãe não me deixava andar descalça por causa da filária, que dava muita comichão, e seria preciso queimar a pele, com gelo, até ao osso. O meu pai tinha nos pés umas escamas como massa folhada, que eu desejaria puxar e comer. A carne do meu pai era doce. A pele do meu pai era morna e morena.

Os seus pés eram bem acabados, cheios, com os dedos desenhados ao pormenor, como uma escultura do Renascimento, e as unhas redondinhas, transparentes, brilhantes. À hora da sesta de domingo, quando eles se deitavam, e eu não tinha que fazer - a não ser brincar com o Piloto, que a minha tia envenenou numa aldeia da Estremadura, anos mais tarde, e com os gatos, que ficaram em Lourenço Marques, quero dizer, no Maputo, e que fugiram atrás das gatas, e foram, de certeza, apanhados, mortos e comidos como coelhos pela pretalhada esfomeada, disse a minha mãe, e que a pretalhada havia de amargar o que tinha feito aos brancos - nessas tardes eu ficava a brincar com os pés do meu pai, atravessada na cama.

A minha tia envenenou-me o Piloto em Abril de 1978, e acusou os vizinhos. Foi nas férias da Páscoa. Embalei o meu cão morto. Nunca tinha tido aninhado um cadáver contra o peito. Tinha os olhos abertos, vidrados, as patas traseiras contorcidas, rasando o focinho, duro, gelado. Segurei-o nos braços, e apertei-o, e chorei sobre o seu corpo inocente a

minha culpa, dor, perda, impotência e abandono. Enterrei-o por baixo da noqueira que existia na fazenda. Mais tarde, abateram a noqueira. Os meus tios sempre me olharam com a mesma emoção com que se trata um electrodoméstico. Para que servia um cão? E que importância tinha o cão que a retornada, a que roubara aos pretos, se tinha dado ao luxo de trazer para a Metrópole, quer dizer, para Portugal?! Se para retornados não havia lugar, para cães de retornados ainda menos.

O meu pai apertava os pés um contra o outro, pressionava-os, fazia força, e ria-se. Eu não conseguiria separá-los, brincar como queria. Os pés do meu pai cheiravam a pêlo de cão. Era um cheiro seco e doce. Os cães cheiram a terra e a pão. Cheiravam a pão, sim, a terra e a pão, e eu queria tanto fazer-lhes cócegas, e morder-lhes, e ele ria-se, e dizia, larga-me rapariga, e eu ria-me, e fazia pior, e a minha mãe dizia, larga o teu pai, rapariga, e eu ignorava-a, tem juízo rapariga, vai para a tua cama rapariga.

O corpo da minha mãe era geométrico e seco. Não tinha autorização para lhe tocar. No corpo da minha mãe apenas me interessava o seu peito grande e mole. Que delícia haveria de ser poder mexer-lhe, mamar, chupar por todo o lado. Apalpar com força. Sacudia-me, está quieta. Tocar na minha mãe era uma atitude pouco própria. O corpo do meu pai, pelo contrário, sólido, redondo, disponível, revelava-se uma colina cheia de arbustos e vegetação à qual podia trepar, e sentir, cheirar, beliscar, morder. Puxava-lhe os pêlos, as unhas.

A barriga das pernas do meu pai tinha uma curva tão harmoniosa, tão ondulada, e era tão cheia. Simulava que as mordida com muita força, e ele simulava gritar, ai, ai, está quieta rapariga. Que belas pernas tinha o meu pai. Brancas. Nem demasiado musculadas nem gordas, embora fosse gordo. Compridas, torneadas. Os calções assentavam-lhe bem. Eram umas pernas quase femininas. Atiçava-me, sorrindo cheio dá mesma falta de modéstia que tão bem conheço, querias ter umas pernas

tão jeitosinhas como as minhas,?! Querias, não querias?! As minhas vão à amostra a umas senhoras. Dizia isto muito vez, quando estava bem vestido, vou à amostra a umas senhoras. E eu pensava que brincava. As pernas do meu pai, que raiva.

A barriga do meu pai descaía quando se deitava de lado. Que solenidade. Que importância, a de uma barriga assim dilatada. Tinha-lhe respeito. Ele protegia-a com os braços, e aos genitais, se bem que os últimos não me causassem interesse. Quando se deitava de lado, se vestia calções largos e curtos, era possível vislumbrar nesses lugares certas sombras medonhas. Desviava o olhar por vergonha e medo e nojo. As partes íntimas do meu pai eram uma mancha escura e mole. Que contacto visual tão desagradável!

Lembro-me do roçar da sua cara mal barbeada na minha cara, nos meus lábios. Vai fazer a barba. Já fiz a barba, agora vê lá. Querias ter uma pele tão maciazinha, não querias?! Querias!

Era macia. Lembro-me do cheiro a suor do seu pescoço. Suor de homem. Denso. Da massa enorme que era o seu corpo, tão segura, tão certa. Sentar-me ao seu lado, ao seu colo, às suas cavalitas. O corpo do meu pai era um trono. O corpo do meu pai era bom.

O que dele restou encontra-se arrumado numa gaveta do cemitério do Feijó. Quanto ao resto que lhe pertencia, não consegui arrumá-lo em lugar algum. Não cabia.

41.

A minha mãe acha que vai morrer e não pode deixar-me sozinha no mundo. Por isso, localizou-a. Eu quero estar sozinha no mundo. Não me ofendam com as palavras brutais que tive de escutar a vida inteira sem poder protestar, e de que fugi quando fui senhora de mim.

A minha mãe deu-lhe o meu número. Ela queria muito falar comigo. Tinha-me perdido o rasto. Tinha saudades da menina perdida: eu. Em vinte minutos, o passado bateu-me no rosto com uma fenomenal chapada.

As pessoas não mudam. Quando as reencontramos, muitos anos depois, percebemos por que nos afastámos.

"Os negros, os cabrões, os filhos-da-puta. Vim de lá há um ano. Nunca deixei que me faltassem ao respeito. Chamavam-me mamã, chamavam-me tia, e eu dizia-lhes, não sou tua mãe, que eu não sou puta. Nem tia, ó meu cabrão. E não me assaltas que eu sou branca e estrangeira e ponho a polícia atrás de ti, meu escarumba de merda."

Quvi isto toda a minha vida. Venham falar-me no colonialismo suavezinho dos portugueses... Venham-me com essa história da carochinha.

As pessoas não mudam. Um branco que viveu o colonialismo será um branco que viveu o colonialismo até ao dia da morte. E toda a minha verdade é para eles uma traição. Estas palavras, uma traição. Uma afronta à memória do meu pai, mas com a memória do meu pai podemos bem os dois.

Os carniceiros foram todos tão bonzinhos que quando matavam o cabrito davam as vísceras aos pretos. A tripa. A pele. Pagavam-lhes o trabalho escravo com porrada mais a farinha, que comiam com as mãos, aqueles porcos negros; e se os faziam trabalhar sete dias por semana, sem horário, era apenas o legítimo tratamento de que precisavam os preguiçosos. Um favor que o branco lhes fazia. Civilizar os macacos.

E agora, em Maputo, uma falta de respeito. "Faltamos lá nós. Têm saudades. Um branco é constantemente assaltado. Na rua. Em casa. Roubam-nos tudo, os cabrões. E estragaram aquela terra. Queimaram-na."

42.

O jovem encontrava-se à minha frente na fila da caixa, com um avio de bolachas e chocolates. Trajava de oficial marinheiro. Uma farda negra, de boné branco, muito composta, muito nobre. Sobre a manga esquerda do casaco, ao alto, numa placa de fazenda bordada a ouro, lia-se Moçambique. A minha atenção ficou de imediato presa àquele rapaz. Tive o impulso de o chamar e lhe dizer, olhe, desculpe, só queria dizer-lhe que eu também sou de Moçambique. Mas depois não fiz. Havia de ser ridículo. O que lhe interessaria tal coisa?! Dentro de mim haver uma terra da qual sou desterrada. Se calhar também ele. E depois?! A seguir pensei que talvez fosse o seu apelido. O rapaz chamar-se-ia Tiago Moçambique como outros se chamam José Portugal. Subiu em direcção ao Alfeite e eu segui-o, orgulhosa do seu aprumo.

Os desterrados, como eu, são pessoas que não puderam regressar ao local onde nasceram, que com ele cortaram os vínculos legais, não os afectivos. São indesejados nas terras onde nasceram, porque a sua presença traz más recordações.

Na terra onde nasci seria sempre a filha do colono. Haveria sobre mim essa mácula. A mais que provável retaliação. Mas a terra onde nasci existe em mim como uma mácula impossível de apagar. Persigo oficiais marinheiros que trazem escrita, na manga do casaco, a palavra Moçambique!

Passaram algumas décadas sobre a menina que encarava os negrinhos de meia dúzia de anos que pediam trabalho ao portão, descalços, rotos, esfomeados, e chamava a mãe, trabalho não havia. Eu sabia que não havia. Contudo, chamava-a. Havia a esperança que de repente houvesse capim para apanhar, ou uma moeda, pão. Às vezes a minha mãe estava bem-disposta. Às vezes tinha pena das crianças.

Eu e eles não falávamos a mesma língua. Apenas umas palavras soltas. Olhava-os muito, e eles a mim. Por exemplo, neste momento

estou a olhá-los através do tempo, e há uma perplexidade nos seus olhos, um vazio, uma fome, e nos meus uma impotência, uma incompreensão que nenhuma razão poderá explicar. Moçambique é essa imagem parada da menina ao sol, com as tranças louras impecavelmente penteadas, perante essa criança negra empoeirada, quase nua, esfomeada, num silêncio em que nenhum sabe o que dizer, mirando-se do mesmo lado e dos lados opostos da justiça, do bem e do mal, da sobrevivência.

Um desterrado como eu é também uma estátua de culpa. E a culpa, a culpa, a culpa que deixamos crescer e enrolar-se por dentro de nós como uma trepadeira incolor, ata-nos ao silêncio, à solidão, ao insolúvel desterro.

43.

Caiu a noite sobre todas as coisas que nascem da terra, que tocam a terra, que confinam os seus limites. Tu estás sobre a terra. Quero dizer, revolves-te nela. Estendeste o teu corpo ao comprido entre os arbustos, quieta, sentindo comichão pelos insectos que deixas subirem-te os braços, sorvendo o odor enjoativo do chão, agora em repouso, o odor acre das folhas que a frescura da noite humedeceu. Era isto que querias. Este cheiro. Sentas-te. Sorris. É exactamente como imaginavas. Purpurinas multicolores brilham entre os ramos das árvores, iluminando os vultos das aves caladas. Fragmentos de luz que se ateiam e apagam na escuridão, suspensos como libélulas. Barulhos tão leves. Asas. Uma ave piou. A brisa levanta folhas. Folhas batem em folhas. O peso de patas quebra ramos. Os cães selvagens espreitam-te. Os que como tu não são nada bem definido, nem cães nem lobos. Não te ladram. Os cães nunca te ladraram. Cheiras-lhes os sexos. Sim, são da tua laia. Boa companhia. Lambes-lhes os focinhos. Podes lambe-los. Dormir enroscada na matilha, se quiseres. O cheiro doce do sono, do calor. Tão embalada. Não te importa a terra no cabelo nem nas unhas. Esfregas-te. Ris. Ouves o teu riso incomodar a noite. Que silêncio. Que ternura. Tudo é verdade e tu trincas a terra. Lambe-la contra o céu da tua boca. Claro que recordas esse sabor. Sabias que havias de recordar esse sabor. O chão tem todo o mesmo travo final a argila e a osso de vaca moído. A terra é doce. E agora podes subir de novo às árvores. O limoeiro do teu velho quintal na Matóla. Sentes-te leve. Se calhar podes voar, como outrora voaste. Tinhas saudades. Confessas para ti própria, tinhas saudades disto. A liberdade.

A noite caiu longa, e a noite é o teu dia. Vais adaptar-te. Uma vida tem muitas vidas, tu sabes. É a primeira noite que dormes na rua. Que não tens cama. Estás eufórica. Como vai ser a tua primeira noite? A que casa regressarás? Quanto tempo permanecerás sobre a cova onde o teu

passado apodrece? Não devias pisar a tua campã. Para onde vais? Para onde vais, agora?



Lourenço Marques, 1960

À memória do meu pai.

POSTS

Posts, entrevista & mais ainda...

Agosto

O odioso *low profile*

Dinamitar o Cristo-Rei

O carro da lama

Fígado de porco

SOBRE ISABELA

POSTS DE O MUNDO PERFEITO

AGOSTO

Os cafés encerraram, excepto o do tabaco e das cervejolas, que leva com a chapa do sol toda a tarde. Encontra-se repleto de famílias inteiras de vizinhos que não foram passar férias à terra nem ao Algarve nem a Ibiza, discutindo, de mesa para mesa, entre suores, assuntos de importância internacional, como a idoneidade moral do Barhas da Costa da Caparica, que responde pela do Benfica. A gritaria não me deixa ler o jornal, e as crianças, todas malcriadas, correm atrás das cadelas, puxam-lhes a coleira e chateiam-nas até à exaustão.

Às cinco da tarde a rua abrasa e ninguém sai. O meu bairro parece uma vila abandonada no faroeste. Só os plátanos, do outro lado da estrada, conseguem respirar sob o sol.

Agosto é um barril de água choca. Agosto é um tapete encardido de gente. Agosto é o mês mais triste do ano.

O ODIOSO *LOW PROFILE*

Tenho um defeito profissional que se conjuga que nem flores com certas características da minha personalidade, e que em Portugal é considerado uma enorme deselegância entre as pessoas educadas, as pessoas de bem, as pessoas contidas, as pessoas que se esforçam por andar na rua fazendo de conta que nem sequer existem: falo alto. Em Portugal toda a gente quer ter um *low profile*, ou melhor, traduzindo à letra, perfil baixo, ou melhor, traduzindo livremente, não dar nas vistas. Não tenho nada contra, embora não compreenda por que as incomodo tanto. Não faço esforço para aparentar *profile* algum. Deixo que a natureza faça o seu trabalho. Não seria capaz de viver debaixo desse autocontrolo. Passei toda a minha vida a desejar fugir a todos os controlos possíveis. Não ando nas ruas a pensar, ai, estou a falar alto, se calhar era melhor baixar a voz, ou, ai, dei uma gargalhada, se calhar não devia gargalhar tão expressivamente, podia disfarçar, tapar a mão com a boca, e emitir um ligeiro ri-ri-ri. Deu-me para tirar partido da vida toda, e é sempre a abrir.

Ontem, à hora de almoço, calhou sentar-me, na cantina, ao lado de uma colega a quem pus a alcunha secreta de "Nada de extremismos", porque é o que a apanho a dizer todas as vezes que a encontro. Conversávamos sobre umas políticas lá da fábrica, tudo com muita moderação, e num certo momento perguntei-lhe quem tinha feito a afirmação x. Ela respondeu, o Pedro. Eu exclamei, o Pedro?! Qual Pedro?! Há lá muitos nas diversas secções da fábrica. E a "Nada de extremismos" respondeu-me secamente, fala mais baixo. Muito secamente, com censura, mesmo a matar. Por segundos, senti-me sua filha, sensação deveras traumatizante.

A "Nada de extremismos", a maior mosca-morta da fábrica, que não se compromete com nada, não diz sim nem não nem talvez, e deve abrir a torneira da casa de banho de cada vez que vai fazer xixi, mandou-me

baixar o volume. Olhei à volta. Não havia por ali ninguém que pudesse de alguma forma tirar ilações da minha pergunta, "Qual Pedro?", mas calei-me, por boa educação e boa vizinhança, pensando, claro, que eu teria a delicadeza de não mandar calar os outros com uma tal frieza.

DINAMITAR O CRISTO-REI

Nossa Senhora tem andado em digressão pela Margem Sul por mor da comemoração do cinquentenário da construção do Cristo-Rei. Confesso que não foi assim que a minha mãe me contou à hora do almoço. Falou-me do representante do Papa, e de muitos cardeais, e do bispo de Setúbal a elogiar a nossa presidenta da Câmara, e de muitos, muitos padres de todo o lado, e procissões, e que em Lisboa também tinha sido muito lindo, que a Senhora tinha ido a um hospital, e muita gente, muita gente, tudo muito lindo, muito lindo, como é que era possível que eu não tivesse ficado em casa a seguir pela televisão.

Fui ouvindo isto entre as favas com salada de alface e pescada frita, e só me pronunciei quando chegou a parte em que me revelou que Nossa Senhora tinha vindo num vidro de Roma. Porquê num vidro de Roma? Acaso o vidro português não é suficientemente bom? Eu tinha percebido mal. Era numa redoma. Nossa Senhora tinha vindo nu-ma re-do-ma. "Porque traz uma coroa de ouro de muitos quilos, manto bordado a ouro e jóias, muitas jóias." Até parei de mastigar para lhe responder, "e esse ouro e essas jóias, vendidos, não seriam uma boa forma de a Igreja arranjar dinheiro para ajudar uma quantidade de famílias, agora com a crise?!, e Nossa Senhora não se importaria de viajar mais pobrezinha."

Sacrilégio! Roubar o ouro à Senhora! Que não, que o ouro e as jóias tinham sido oferecidos pelo povo com muito sacrifício. Retorqui, sem grande sucesso, "mas não achas que agora o povo está a precisar disso tudo de volta?"

E acabou-se ali a conversa, que ela não me quer ver excomungada.

Adiante, e passemos para a importância que a estátua do Cristo-Rei tem para a população da Margem Sul. Para nós, almadenses de carne ou de adopção, o Cristo-Rei é o maior mamarracho que alguém se lembrou de construir no nosso território. Um bloco de cimento atirado ao alto,

descarnado, com Cristo de braços abertos para Norte. Cristo não merecia tanta fealdade! Em cinquenta anos de existência, o Cristo-Rei serviu-me, quando era mais nova, para namorar à sua larga sombra e aproveitar as delícias da juventude pelo meio duns arbustos muito discretos que o rodeavam. Depois, muraram-no, passaram a chamar-lhe santuário, e deixou de ter interesse.

O que a gente queria mesmo, e aproveitou para lançar a ideia ao senhor vereador do património edificado, era dinamitar aquilo como se fez aos prédios em Tróia, e construir ali um carrossel, uma montanha russa, enfim, uma grande feira popular toda iluminada à noite, com farturas e tiro aos pratos e umas barracas com cerveja fresca e caracóis e pipis. E uma enorme bandeira, no alto, com a foice e o martelo bordados a ouro. Era isso, se faz favor.

O CARRO DA LAMA

A Micas caminha devagarinho porque sofre de displasia avançada na anca. Digo-lhe, quando chega junto de mim, és o carro da lama. É uma expressão muito antiga que aprendi com a minha mãe. O meu vocabulário é essencialmente rural, bem como a minha prosódia. A minha fala é a fala da minha mãe, por muitos oceanos que tenhamos atravessado.

Gosto da expressão "o carro da lama". Seria a carroça de bois que vinha lenta na estrada do Inverno. Os animais puxariam a carga, arrastando-se sob o peso da chuva que enlameava todos os caminhos da aldeia. O carro da lama progrediria com dificuldade, não sendo o último a chegar, porque em Janeiro todos os carros eram da lama. É uma expressão ferozmente antiga, marcada pela dureza da vida na aldeia, para todos os seres que nela viviam.

O mundo mudou muito e as nossas expectativas são agora muito altas. Hoje, pelo menos para os cidadãos, a felicidade não se limita a desejar ter estradas sem lama. Ambicionamos possuir um jipe para podermos enterrá-lo e desenterrá-lo, recreativamente, pela lama dos caminhos. O que para os outros era trabalho, para nós é entretenimento. O prazer tornou-se demasiado caro e complexo

FÍGADO DE PORCO

O meu primeiro aborto saiu-me pela boca do corpo como um grande fígado de porco cortado aos bocados. Acordei na minha cama ensanguentada, e ao levantar-me, involuntariamente, o meu corpo expulsou litros de sangue coagulado, ainda fresco. Era tão bonita essa carne vermelha, que era apenas sangue. Fiquei com aquilo nas mãos. Eram muitos bocados. Rosas de carne viva que iam saindo de mim conforme caminhava pela casa, deixando um rasto de sangue, como se o útero regurgitasse sozinho por ter bebido demais na noite anterior. Talvez eu tivesse bebido demais na noite anterior, não me lembro.

Depois abortei outra vez mais devagarinho. Era só um fiozinho de sangue nas cuecas, uma coisa de nada, e percebi logo que havia outro fígado de porco pronto a sair. No hospital, raspam-me o útero com uma navalha, e eu senti, rasp, rasp, rasp. Era o meu fígado de porco a ser retalhado, e não me deixaram vê-lo na bacia de metal. Devem ter queimado tudo na incineradora do hospital, e saído em fumo pela chaminé, como os condenados em Auwschwitz. Podiam ter-me deixado trazê-lo para casa, para um arroz de cabidela. Ao menos, que o fritasse para as cadelas. Com tudo isto vim a descobrir que sou uma excelente produtora de fígado de porco.

«ISTO É A SÉRIO»

Uma conversa com Isabela

Os seus dados biográficos, aliás sucintos, referem o nascimento em Lourenço Marques e a vinda para Portugal aos 13 anos de idade. A questão impõe-se: a Isabela é africana, mais precisamente, moçambicana? Considera ter uma dupla nacionalidade?

Cheguei a Portugal com 12 anos, a 5 semanas de fazer os 13. Já não era uma criança, mas ainda não era uma mulher. Já aprendera que tudo tem consequências, já desenvolvera a minha consciência e sensibilidade, contudo, mantinha a inocência própria de uma menina. Já recebera muitas influências, mas outras esperavam por mim.

Quando era pequena, havia uma grande ênfase dos meus pais e entourage no facto de eu ser um produto genuinamente moçambicano, ou coca-cola, como diziam. Contudo, isso não é verdade quanto ao genuinamente. Estive sempre rodeada de referências portuguesas: a minha mãe mascarava-me de nazarena, no Carnaval, e em minha casa comia-se bacalhau com batatas regado a azeite português. Aprendi a falar e escrever em Língua Portuguesa e nunca conheci outra bandeira ou outro hino que não os portugueses. Durante a escola primária, tal como em Portugal se estudava a geografia das colónias, também eu estudei a da Metrópole. Lia as revistas editadas em Portugal, todas as que lá chegavam. Lembro-me de uma publicidade à margarina Vaqueiro que me fazia desejar prová-la. Quando cheguei a Portugal, a primeira coisa que quis comer foi pão barrado com margarina Vaqueiro, para espanto de todos. Para mim era uma margarina legítimamente

portuguesa, com a respectiva designação pastoril. Era essa ideia pastoril, rural, que tinha de Portugal, e que me foi transmitida pelos meus pais. Em Portugal, diziam eles, o vinho era melhor, bem como a fruta e os legumes. Não havia maçãs como as portuguesas... Nem melancia... Nada se comparava. Nem os produtos da África do Sul. Os meus pais tinham uma atitude de duplicidade relativamente à Metrópole. Por um lado, era a sua terra, e enchiam-na de virtudes, como os emigrantes, por outro reclamavam para si a legitimidade da sua presença em Moçambique, território onde haviam conquistado um posição confortável, considerando-o igualmente seu, e não desejando abandoná-lo. Não tinham qualquer intenção de regressar. Aquela já era a terra do seu coração. Qualquer retornado se reconhecerá nesta ideia.

Que nacionalidade tinha eu no meio disto tudo? Bem, a nacionalidade não é apenas um conceito administrativo, mas aponta para a pertença a uma nação, logo, uma ideia de povo, e nesse caso eu sempre fui portuguesa. Aliás, a questão da língua, ou seja, a forma como se fala, pensa e escreve é muito determinante no meu caso. Sempre me senti portuguesa, embora uma portuguesa diferente, de além-mar, porque há várias formas de se ser português. Ninguém me pode pedir que seja uma portuguesa típica. Posso ser uma portuguesa que recebeu outras influências, que conviveu com outra cultura, outra geografia, outro ambiente e que saiu um bocado misturada. Não me sinto moçambicana. Sinto-me uma portuguesa que nasceu em Moçambique. Sempre fui qualquer coisa em transição, mas uma coisa que precisa de ser portuguesa para poder reconhecer-se, encaixar-se e sossegar um bocado.

"Quando cheguei a Portugal, a primeira coisa que quis comer foi pão barrado com margarina Vaqueiro, para espanto de todos."

Qual a reflexão que faz sobre este hiato tão longo entre a publicação do seu primeiro livro "Conto é como quem diz" (1988) e este "Caderno de Memórias Coloniais" (2009), vinte anos passados? O que significou para si a publicação então? E agora?

O primeiro livro que publiquei surgiu na sequência de um concurso literário no qual fui premiada. Foi importante na medida em que me deixou perceber que o que escrevia tinha alguma qualidade. A decisão do júri, constituído por Agustina Bessa-Luís, Dinis Machado e Ondina Braga, deixou-me muito orgulhosa. Recordo com ternura as palavras de encorajamento que me dirigiram. O hiato de 20 anos justifica-se pelo facto de tudo ter acontecido quando era demasiado nova. Tinha alguma técnica, de facto, mas não um tema. Depois do Conto escrevi alguns textos excessivamente trabalhados, que depois não conseguia ler. Andei perdida. Não encontrava o meu lugar do ponto de vista literário. Estou certa que fui uma decepção para muitas pessoas que esperavam mais de mim. A certa altura senti a necessidade de me afastar desse mundo. Não suportava a consciência de que não tinha correspondido às expectativas literárias que haviam depositado em mim. Acho que sobretudo não me suportava.

Mas digo sempre que era muito nova, precisava de crescer e deixar correr a vida. A certa altura, a necessidade de escrever venceu. Não tinha perdido essa capacidade e nem sequer estava embotada pelo tempo. Pelo contrário, o teclado estava muito mais solto, e o que queria escrever tinha-se tornado mais intenso e violento, e existia um alvo. Isso surpreendeu-me, essa consciência de que ainda sabia escrever, de que a mensagem saía com eficácia e força. Entusiasmou-me. O blogue foi-me servindo perfeitamente.

Estou convencida que o hiato de 20 anos, durante os quais me dediquei totalmente ao trabalho, foi benéfico e absolutamente necessário para me descobrir.

Publicar nesta altura é importante. Sinto isto como um recomeço, e claro que gostaria que tivesse continuidade, embora não esteja à espera de milagres.

O que muda na transposição dos textos publicados no blogue O Mundo Perfeito para o formato de livro? Pensa que no processo de adaptação para o novo formato estes textos se alteraram, são agora outros?

Não, não. Os textos são os mesmos. Mantêm a autenticidade que tinham quando da sua publicação no blogue. O Mundo Perfeito tinha várias "histórias" em curso, tal como agora o Novo Mundo. Mas os textos que constam deste livro, e que constituíam uma dessas "histórias", foram publicados com uma grande seriedade da minha parte, a qual se mantém no formato livro. No blogue, para minha satisfação pessoal, havia sempre "palhaçada", como costume dizer, mas isto não era "palhaçada". Isto era a sério.

A sua perspectiva é assumidamente a da "pequena colona branca". Imagina o que seria a perspectiva da "pequena colonizada negra" o reverso da sua condição? Como imagina esse alter-livro?

A "pequena colonizada negra" também aqui aparece a espreitar num ou noutro texto. Não poderia existir uma "pequena colona branca" sem haver também uma "pequena colonizada negra", tal como não há fogo sem ar.

Creio que a perspectiva da "colonizada negra" tem sido objecto de muita literatura produzida nas ex-colónias e de facto não imaginei esse alter-livro. Teria de estar livre das questões que me atormentavam ao escrever este. Nada do que aqui escrevo foi fácil de admitir e revelar. Levei anos. O "Caderno" aborda questões pessoais que me assombraram durante toda a vida. A "pequena colona branca" era uma questão demasiado presente, demasiado urgente; ocupava-me totalmente. Também considero que esta publicação é uma forma de me libertar mais dela.

O meu pai é o princípio de tudo. Foi aquele que mais amei e odiei. Aquele que melhor me serviu como modelo e de quem mais me quis distinguir.

O seu livro poderia talvez chamar-se «A Morte do Pai», em vez de «Caderno de Memórias Coloniais», ou não? Pode dizer-nos por que razão o seu enfrentamento da memória do Pai é indissociável da

sua experiência colonial? O Pai está aqui também em vez do colonialismo e é o seu verdadeiro nome? É isso?

Poderia chamar-se "A Morte do Pai" e cheguei a pensar nessa expressão como título. O meu pai é o princípio de tudo. Foi aquele que mais amei e odiei. Aquele que melhor me serviu como modelo e de quem mais me quis distinguir. Talvez por ter sido filha única, talvez por ter brincado com o meu pai muito mais do que com outras crianças, talvez por tê-lo escutado e admirado como se escuta e admira um deus, a importância do meu pai na minha vida assumiu proporções gigantescas que não desapareceram com a sua morte. O seu corpo desapareceu e eu fiquei a contá-lo com a sua memória. Foi difícil, porque podemos pedir contas a uma pessoa, mas não à sua memória. E a certa altura do meu percurso tinha mesmo contas a pedir-lhe. Já era uma adulta e tinha o direito a exigir dele acções e discursos que se coadunassem com os valores que me tinha transmitido. Eram bons valores cristãos. Por isso não lhe perdoava ter sido um racista e continuar a sê-lo depois da época colonial.

Temia que nos cruzássemos com um negro na rua e o meu pai o interpelasse com um tratamento menos próprio. Tratava todos os negros por tu e falava-lhes na língua do sul de Moçambique. Imagine-se o que é ir a subir a rua Augusta e o meu pai parar um transeunte negro, de 18 anos, nascido na Maternidade Alfredo da Costa, para lhe perguntar em que província de Moçambique tinha nascido e em que trabalhava cá, isto tudo em landim, a tal língua do sul de Moçambique.

Quando o meu pai regressou a Portugal trouxe consigo o colonialismo e nunca foi capaz de sair dele. O meu pai era o colonialismo. Portanto, o meu pai era também a injustiça e a violência. Talvez eu não saiba bem, do ponto de vista histórico, o que foi o colonialismo - muito me escapará; mas sei muito bem o que foi o meu pai, o que pensava e dizia, e esse é um conhecimento prático do colonialismo que nenhum historiador pode deter, a menos que tenha vivido a mesma experiência.

Podemos esperar um segundo volume deste Caderno de Memórias Coloniais"? Considera que este livro poderá alguma vez estar verdadeiramente terminado?

Gostava que não houvesse um segundo volume do "Caderno"; seria bom sinal; mas não sei, realmente, se esta minha história estará alguma vez terminada. Este livro é constituído por textos que não foram escritos de uma só vez, numa mesma altura. Fui escrevendo à medida das minhas necessidades que nunca sei quais serão. As minhas memórias desse tempo vão surgindo motivadas por estímulos inesperados. Não desejei ter estas memórias, mas o problema é que também não consigo evitá-las. E a certa altura achei que não tinha que as evitar. Precisava de viver com isto o melhor possível, de assumi-lo.

"Gostava que não houvesse um segundo volume do "Caderno"; seria bom sinal; mas não sei, realmente, se esta minha história estará alguma vez terminada."

Por último, como lida com a questão da exposição da vida do seu pai que a publicação deste seu livro implica?

Será muito difícil as pessoas entenderem por que fiz isto, sobretudo as mais próximas. Pensarão que traio o meu pai. Que uma filha não expõe assim aqueles que lhe deram a vida, sejam quais forem os motivos. Uso o vocábulo traição muitas vezes ao longo do livro, porque sempre me senti sua traidora, apenas porque não conseguia ver o mundo pelos seus olhos. Este momento, em que revelo tudo, é aquele em que

me sinto menos traidora. Pelo contrário, sinto que faço o que tinha de ser feito.

Ponderei muito a publicação destas memórias e decidi fazê-lo para benefício de todos. Quando digo todos não me refiro apenas a mim e ao meu pai, mas aos retornados, de forma geral, e a alguns portugueses. Já houve quem me dissesse que temos de ultrapassar o passado, que não vale a pena tocar em assuntos tão sensíveis. Temos realmente de ultrapassar o passado, mas só podemos fazê-lo depois de o enfrentar. É preciso admitir "eu fiz isto", "eu sou isto" e depois, sim, avançar. Neste momento não me parece que os retornados e restantes portugueses tenham realizado esse trabalho de análise. Estamos sempre a varrer o colonialismo para debaixo do tapete. O que mais gostamos de dizer, quando acusados relativamente ao nosso passado ultramarino, é que "a nossa colonização foi suave, não teve nada a ver com a dos ingleses, etc." Concordo que a nossa colonização foi diferente. Não consigo é dizer que foi melhor. Passadas quase quatro décadas, está na altura de se começar a falar destas questões históricas com o devido distanciamento. O tempo de evitar já passou. Para mim passou.

Do ponto de vista pessoal não havia motivos para evitar estas revelações. A minha luta interior, pessoal tinha acabado. Depois, e isto já é a minha costela cristã, que herdei do meu pai, a fazer das suas: ele não se confessou antes de morrer, e eu quero realizar essa confissão em seu nome, e ao fazê-lo, como sua principal acusadora, que fui, gostaria que também me fosse facultado o poder de o absolver. Quero acreditar que o tenho. Este livro serve para lhe dizer isso: ok, vai em paz, estás absolvido! Agora, cá me arranjo eu com o resto!

LIVROS

Sozinha, Sarah Beirão

Jane Eyre, Charlotte Brontë

A Dor, Marguerite Duras

Primavera no Parque, Christiane Rochefort

Lá Onde o Rio te Leva, Tobías Schneebaum

Onde Estivestes de Noite, Clarice Lispector

Fistéis Era um Mundo, Lupe Gómez

Irmã Barata, Irmã Batata, Adília Lopes

Desgraça, J. M. Coetzee

A Erva Canta, Doris Lessing

DATAS

25 de Abril de 1974

7 de Setembro de 1974 - **tivemos medo de morrer.**

22 de Novembro de 1975 - **aterrei no aeroporto da Portela.**

1 de Julho de 1983 - **o primeiro texto que publiquei.**

3 de Maio de 2001 - **morte do meu pai.**

LUGARES

Lourenço Marques - **mãe.**

Bombaim - **picava-me a língua e o céu-da-boca.**

Lisboa - **idade adulta e autonomia.**

Cacilhas - **o amor, partidas e chegadas**

Alcácer do Sal - **fuga, luz e solidão.**

ESTA
QUARTA EDIÇÃO
FOI COMPOSTA EM CARACTERES
STONE SERIF DESENHADOS POR SUMMER
STONE E IMPRESSA EM PAPEL VOLUME DE 80g
E A CAPA EM CARTA INTEGRA DE 23Sg NA PAPELMUNDE,
EM VILA NOVA DE FAMALICÃO, EM 2010,
35 ANOS APÓS O REGRESSO
DA AUTORA A
PORTUGAL



Created with Writer2ePub
by Luca Calcinai